

SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 8

REVISTA ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

NÚMERO 2

ESPORTES NOS EUA



DEZEMBRO DE 2003

ESPORTES NOS EUA

DEZEMBRO DE 2003

ÍNDICE

DOS EDITORES

2

REFLEXÕES: POR QUE JOGAMOS

Roger Rosenblatt

No substrato dos esportes é que se pode sentir os Estados Unidos.

7

JOGOS PARA O MUNDO INTEIRO

David Goldiner

Os esportes norte-americanos conquistaram a imaginação de atletas e torcedores em todo o mundo.

12

A MULHER NOS ESPORTES

Claire Smith

Novas atitudes e oportunidades ao longo dos últimos 30 anos causaram uma mudança surpreendente para as meninas e as mulheres que participam dos esportes norte-americanos.

16

VITÓRIAS DOS E PARA OS DEFICIENTES

Susan Greenwald

Os norte-americanos com deficiências podem participar de esportes recreativos e competitivos graças a novas leis e à mudança das perspectivas.

20

O ORGULHO DAS PRADARIAS

Chuck Offenburger

Moradores de comunidades na região central dos EUA aglutinam-se em torno das atividades esportivas das escolas de ensino médio, a exemplo do basquete das meninas das escolas de ensino médio de Iwoa.

24

REFLEXÕES: “BASQUETE” URBANO

John Edgar Wideman

Um trecho da autobiografia de um escritor mostra como o basquete pode representar uma metáfora da experiência nacional e uma lição de vida.



27

FOME CONTIDA

Tony Baranek

Atletas muçulmanos de escolas de ensino médio contam com empatia, respeito e solidariedade dos colegas de equipe não muçulmanos, quando o jejum de Ramadã ocorre durante a temporada esportiva.

30

ESPORTES E ECONOMIA

Conversa com Andrew Zimbalist

Os esportes, componente relativamente pequeno da economia norte-americana, têm propriedades econômicas distintas.

34

CINQUENTA ANOS, CINQUENTA ESTADOS

Uma renomada revista esportiva norte-americana comemora seu 50º aniversário com a descrição da longa relação de atividades esportivas nos Estados Unidos.

36

EM NÚMEROS

Um flash estatístico do cenário esportivo norte-americano.

38

TALENTO E SABEDORIA

Expressões e observações memoráveis de pessoas ligadas aos esportes.

39

O ESPORTE NO CINEMA

Uma pequena relação de alguns dos filmes de mais destaque sobre esportes.

42

A LINGUAGEM DOS ESPORTES

Exemplos de como os esportes enriqueceram o idioma inglês.

44

REFLEXÕES: ALGUMAS PALAVRAS DE CONSOLO PARA OS PERDEDORES

Joseph Epstein

A agonia da derrota pode ser gravada de forma mais profunda na consciência de uma pessoa do que a emoção da vitória.

47

BIBLIOGRAFIA E SITES NA INTERNET



SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

Editor-gerente	Michael J. Bandler
Editor associado	Steven Lauterbach
Editor	Neil Klopfenstein
Editoras associadas, Referência/Pesquisa	Mary Ann V. Gamble
.....	Kathy Spiegel
Diretor de arte/Designer	Thaddeus A. Miksinski, Jr.
Editora fotográfica	Joann Stern
Editora-chefe	Judith S. Siegel
Editor executivo	Guy E. Olson
Gerente de produção	Christian Larson
Assistente de gerente de produção	Sylvia Scott
Revisão de português	Marília Araújo

Conselho editorial

George Clack

Kathleen R. Davis

Francis B. Ward

O Escritório de Programas Internacionais de Informação do Departamento de Estado dos EUA fornece produtos e serviços que explicam as políticas, a sociedade e os valores norte-americanos ao público estrangeiro. O Escritório publica cinco revistas eletrônicas que tratam das principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, assim como de informações sobre a vida nos Estados Unidos. As revistas — *Perspectivas Econômicas*, *Questões Globais*, *Questões de Democracia*, *Agenda da Política Externa dos EUA* e *Sociedade e Valores dos EUA* — apresentam declarações sobre políticas norte-americanas juntamente com análises, comentários e informações de caráter geral sobre suas áreas temáticas. Todas as edições das revistas aparecem em inglês, francês, português e espanhol, e algumas selecionadas também são publicadas em árabe e russo. ■ Uma nova edição em inglês vai ao ar aproximadamente a cada mês. Em geral, as versões traduzidas são colocadas on-line duas a quatro semanas após seu original em inglês. ■ As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos Estados Unidos. O Departamento de Estado dos EUA não assume nenhuma responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nesta revista; tal responsabilidade é única e exclusivamente das entidades que publicam esses sites. Os artigos podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições de direitos autorais explícitas a tal uso. Os usuários potenciais das fotos com créditos precisam obter autorização prévia de uso com a fonte citada. ■ Números atuais ou atrasados das revistas, assim como a relação das próximas edições, podem ser encontrados no site do Escritório de Programas Internacionais de Informação, no seguinte endereço da World Wide Web: <http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm>. As publicações estão disponíveis em vários formatos eletrônicos para facilitar a visualização on-line, transferência, download e impressão. ■ Comentários são bem-vindos na Embaixada dos Estados Unidos no seu país (a/c Seção de Diplomacia Pública) ou nos escritórios editoriais: *Editor, U.S. Society & Values / Society and Values Team*—IIP/T/SV/U.S. Department of State / 301 4th Street SW. / Washington, D.C. 20547 / United States of America

DOS EDITORES

Robert Frost (1874-1963), um dos mais conceituados poetas norte-americanos, ressaltou a fascinação do país pelos esportes quando disse: "Nada me lisonjeia mais do que saber que sou capaz de escrever prosa - além de saber que já arremessei uma bola de beisebol com categoria." Quer sejam poetas ou políticos, carpinteiros ou cardiologistas, os norte-americanos de todas as classes sociais compartilham um constante interesse por jogos e campeonatos esportivos.

A liberdade de inventar, adaptar e criar — fundamental para a experiência norte-americana — é essencial para a disseminação das atividades esportivas nos Estados Unidos e a sua tremenda popularidade. Os esportes são um elo social que une o país e um veículo para a transmissão de valores como justiça e jogo leal, trabalho em equipe e sacrifício. Têm contribuído para a integração racial e social e até para o desenvolvimento do idioma, à medida que os termos e expressões esportivas vão se integrando ao uso diário. Os esportes também têm sido tema comum nas artes, principalmente em romances e filmes.

Vários rituais sociais desenvolveram-se em torno de campeonatos esportivos. O jogo de futebol americano ou de beisebol de escola de ensino médio local representa o evento mais importante da semana para os habitantes de muitas comunidades em todo o país. Torcedores das principais equipes universitárias e profissionais se reúnem freqüentemente em estacionamentos fora dos estádios antes do ponta-pé inicial, para comer como num piquenique, e em frente da televisão de suas casas com amigos durante a final do campeonato profissional Super Bowl. Milhares de torcedores de beisebol fogem da neve e do gelo do Norte por uma ou duas semanas do inverno, fazendo peregrinação pelos campos de treino do Sul e Sudoeste para ver de perto seus jogadores favoritos, que se preparam para a abertura da temporada de beisebol profissional da primavera.

Quando os amantes de esportes não estão vendo ou disputando um jogo, provavelmente estão pesquisando na internet, ligando uma transmissão ou folheando as páginas de esportes do jornal matutino à procura dos últimos resultados de seus times e atletas prediletos. É comum a mídia usar os

esportes como um espelho de aumento para enfocar um fenômeno social ou cultural maior. Por exemplo, o Washington Post publicou recentemente uma matéria de primeira página sobre uma pequena cidade rural na região oeste do Estado de Montana que está batalhando para manter o programa de futebol americano de sua escola de ensino médio, apesar de uma população local decrescente. "Se esses garotos não jogarem futebol, não teremos nenhum motivo para nos reunir", disse um residente de forma melancólica ao Post.

Nesta revista, procuramos relatar um pouco da poesia e da prosa, por assim dizer, dos esportes nos Estados Unidos. Três ensaístas de renome - Roger Rosenblatt, John Edgar Wideman e Joseph Epstein - trazem considerações exclusivas e pessoais ao significado e valor dos jogos praticados pelos norte-americanos. Outros escritores oferecem visões opostas sobre a influência dos esportes no panorama dos EUA e em todo o mundo. Analisamos as tendências e os desdobramentos sociais atuais, tais como o crescente envolvimento das mulheres e das pessoas com deficiências em atividades desportivas competitivas, resultado da legislação federal e de uma conscientização nacional em expansão. Descrevemos as providências tomadas por técnicos e jogadores de duas escolas de ensino médio nos subúrbios de Chicago, para que os membros muçulmanos dos times observem o jejum de Ramadã.

Para examinar os aspectos financeiros dos esportes, conversamos com um economista que questiona alguns dos mitos que cercam o componente "resultados líquidos" das atividades esportivas profissionais e universitárias nos Estados Unidos. E finalmente, além de uma bibliografia de livros e sites na internet, coroamos nossa cobertura com algumas listas de citações, expressões idiomáticas, filmes e dados estatísticos que lançam mais luz ao fenômeno dos esportes no país.

Esperamos ter conseguido oferecer aos leitores não apenas informações interessantes sobre esportes nos Estados Unidos, mas também novos subsídios sobre a cultura e a sociedade norte-americana. ■

REFLEXÕES: POR QUE JOGAMOS

Roger Rosenblatt

“A primeira vez que se rebate uma bola de beisebol, a primeira vez que se arremessa com destreza uma bola de futebol americano, a primeira vez que um menino ou uma menina tem força para arremessar uma bola de basquete na cesta — esses são ritos de passagem da nação.”

Provavelmente existem países onde as pessoas são tão loucas por esportes como nos Estados Unidos, mas duvido que exista algum lugar onde o sentido e o projeto de país esteja tão evidente em seus jogos. Das maneiras mais inusitadas, os Estados Unidos são seus esportes. O livre mercado é um equivalente da competição no campo de jogo, aparentemente selvagem e emaranhado embora contido por regras, dependente da iniciativa individual em uma estrutura corporativa (time), ao mesmo tempo aberto e controlado. Ao contrário de outros países, nos EUA não há ministro dos Esportes; cada jogo é uma livre iniciativa parcialmente ajudada pelo governo, mas basicamente uma entidade independente que contribui para o cenário nacional como qualquer grande negócio. Os próprios campos de jogo simulam os grandes espaços abertos que já não existem mais e que acabaram dando lugar para o surgimento de muros. Hoje cada campo de beisebol, cada campo de futebol americano e cada quadra de basquete é uma versão da fronteira, acrescida de espectadores, e cada estádio coberto, uma lembrança high-tech de um tempo de vida e de sonhos onde o céu era o limite.

Concentro-me em três esportes, beisebol, futebol americano e basquete, porque são nativos nossos, inventados nos Estados Unidos (qualquer que seja a vaga dívida que o



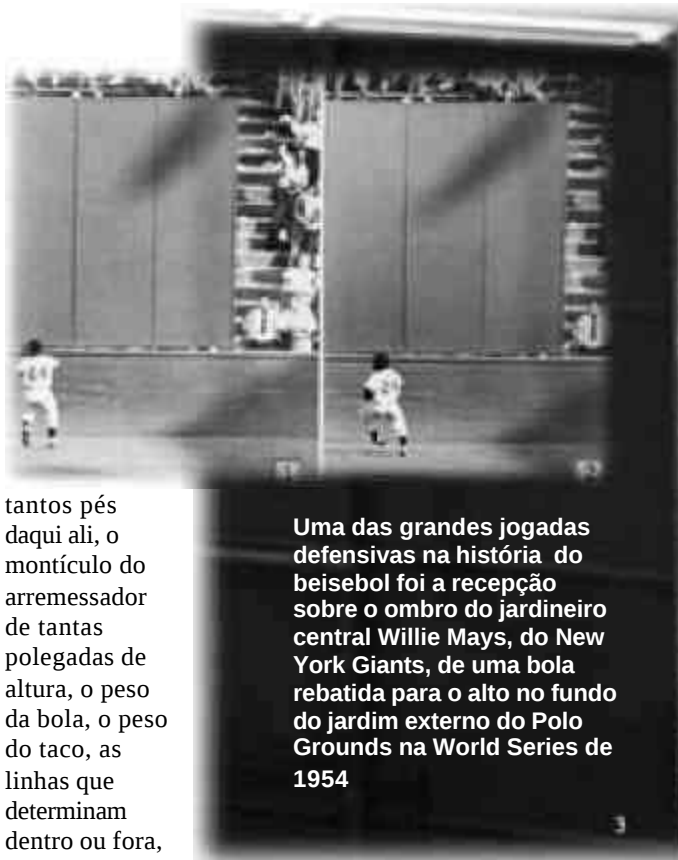
Swin Cash, estrela do basquete profissional do time Detroit Shock, da Associação Nacional de Basquete Feminino, arremessa e marca ponto

beisebol possa ter com o críquete britânico) e centrais aos entusiasmos do país. O golfe e o tênis têm seus momentos; o atletismo também. O boxe, cada vez mais, nos dá menos motivos para aplaudir, mas, mesmo em seu apogeu, foi menos um esporte norte-americano do que um exercício sombrio da brutalidade universal disfarçada em entretenimento. Mas o beisebol, o futebol americano e o basquete são nossos — derivados tacitamente de nossas ambições e inclinações, reflexos de nossos sucessos e de nossos fracassos e também de nossas almas. São tão bons e tão ruins quanto nós, e os assistimos, conscientemente ou não, como dramas alegóricos de nossas naturezas conflitantes, retratando o melhor e o pior de nós. No fundo, são nossas aventuras, breves resgates da nossa inocência nacional. O placar de ontem é a ilusão de renascimento de amanhã. Quando um jogo acaba, ficamos eufóricos ou arrasados, e voltamos com relutância à nossa vida não tão excitante, no entanto, sempre conduzidos pela esperança, esperando o próximo jogo ou o próximo ano.

Mas do início ao fim de um jogo, os Estados Unidos podem se ver representados por atores em chuteiras, calções ou ombreiras. Não que tais fantasias ocorram durante a ação. Faz parte de ser norte-americano viver sem muita

introspecção. É no substrato dos esportes que se sente os Estados Unidos, o que talvez explique por que a atração dos esportes é bem definida (ganha-se ou perde-se) e também misteriosa (ganha-se e perde-se).

Dos três principais jogos, o beisebol é o que foi concebido com mais elegância e é o mais fácil de explicar em função da atração que exerce. É um jogo disputado dentro de limites precisos e de dimensões exatas — uma distância de



tantos pés daqui ali, o montículo do arremessador de tantas polegadas de altura, o peso da bola, o peso do taco, as linhas que determinam dentro ou fora, o que conta e o

Uma das grandes jogadas defensivas na história do beisebol foi a recepção sobre o ombro do jardineiro central Willie Mays, do New York Giants, de uma bola rebatida para o alto no fundo do jardim externo do Polo Grounds na World Series de 1954

que não conta e assim por diante. As regras são rigorosas; na verdade, com pouquíssimas exceções, as regras do jogo não mudaram em cem anos. Isso se dá porque, ao contrário do basquete, o beisebol não depende do tamanho dos jogadores, mas, ao contrário, de uma visão da evolução humana que diz que as pessoas não mudam tanto assim – certamente não em cem anos – e, portanto, devem fazer o que é possível dentro dos limites que lhes são dados. Como escreveu o poeta Richard Wilbur: “A força do gênio vem de ele estar em uma garrafa.”

E, no entanto, funcionando dentro de seus limites, o beisebol sempre tem a ver com o talento individual. Em outros esportes, a bola faz a pontuação. No beisebol, a pessoa pontua. O jogo foi concebido para centrar nos esforços individuais dos norte-americanos. O objetivo do corredor que está na primeira base é roubar a segunda base. O objetivo do defensor da primeira-base é eliminá-lo de sua posição. O objetivo do arremessador é interceptar o primeira-base, mas ele lança para a base principal onde o rebatedor faz o swing para proteger o corredor que decide avançar, e o segunda-base se prepara

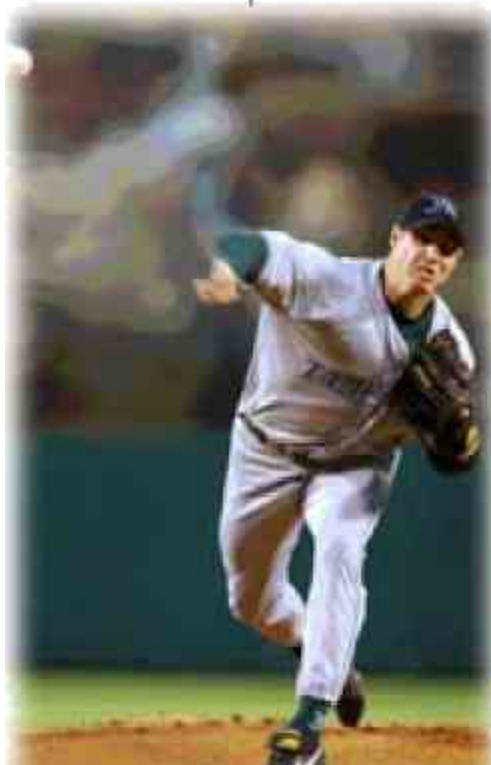


para tocá-lo com a bola caso o receptor consiga se superar e lançar uma bola baixa e forte dentro do saco. Não é preciso saber o que essas coisas significam para reconhecer que todas elas testam a capacidade de todos de realizar uma tarefa específica, de tomar uma decisão pessoal e de improvisar.

Os torcedores apegam-se aos momentos de

glória da história do jogo, em especial aos nomes heróicos e suas façanhas (recordes e estatísticas). Os Estados Unidos veneram todos os seus heróis do esporte porque o país não tem a longa história da Europa, da Ásia e da África. Por não ter um Alexandre, o Grande, ou um Carlos Magno, tira sua mitologia heróica dos esportes.

Também apreciamos os momentos sublimes do jogo porque essas memórias preservam a juventude da nação como parte da necessidade perene, embora um pouco forçada, de os Estados Unidos viverem na plenitude de um eterno verão. A ilusão do jogo é a de que ele continuará para sempre. (O beisebol é o único esporte no qual um time, mesmo que perdendo por uma grande diferença, mas contando com um bateador, ainda pode ganhar.) Na década de 1950, um dos maiores jogadores de beisebol, Willie Mays, do New York Giants, fez uma recepção lendária de uma bola rebatida para o fundo de um dos maiores estádios de beisebol, que voou da base principal sobre seu ombro. Não foi apenas o fato de Willie virar de costas e disparar, foi



O beisebol é um esporte de talento individual.
O arremessador Tanyon Sturtz lança a bola

o continente verde de grama no qual ele correu e a espera para ver se alcançaria a bola e o cheiro forte do seu suor e de todos que estavam sentados no estádio como se fossem pequenos pontos de Seurat, numa concha esculpida de um planeta que brilha fracamente à luz do dia e que ganha um tom púrpura brilhante e esmeralda ao cair da noite.

O jogo sempre retorna ao confronto fundamental entre o arremessador e o rebatedor, com o receptor sendo o único jogador que enfrenta o campo e vê o jogo todo; ele preside como um deus mascarado de cócoras. O papel do arremessador envolve um grau de dissimulação maior do que o do rebatedor, mas o do rebatedor é mais humano. O arremessador joga no ataque e na defesa ao mesmo tempo. Sua função é provocar e enganar. O rebatedor não pode saber o que está vindo. Ele pode ser eliminado enquanto faz o swing ou fica olhando para uma bola boa com cara de bobo. Mas ele tem um taco em suas mãos. E se tudo der certo e ele conseguir executar a proeza mais difícil no esporte, acertando uma esfera pequena e dura a mais de 144 quilômetros por hora com um pesado bastão arredondado, bem, então, o destino é enganado por um momento e ele tem o poder sobre a vida. A questão não deve ser, “Por que os maiores batedores são bem-sucedidos apenas em um terço das vezes?”. Deve ser, “Como é que conseguem acertar a bola?”

No entanto, a jovem energia e esperança irradiadas do jogo constituem apenas uma faceta do beisebol e, portanto, apenas metade de seu significado para nós. É a segunda metade da temporada que revela a completa natureza do jogo. A segunda metade da temporada não tem o otimismo despreocupado da primeira. A cada ano, de agosto à World Series em outubro, uma sensação de mortalidade começa a baixar sobre o jogo – uma desconfiança que aumentará ainda mais no final de setembro com a quase certeza de que algo que era resplandecente, vigoroso e transbordante de possibilidades pode chegar ao fim.

A beleza do jogo é que ele percorre o arco da vida norte-americana, da inocência perdida à experiência ganha. Até meados de agosto, o beisebol é um menino de calções curtos, gritando de alegria na grama espessa, depois se transforma em um veterano desconfiado com o pescoço queimado pelo sol, cuja principal preocupação é proteger a base. Na segunda metade a coisa muda e chega a hora de o beisebol enfrentar a própria morte. Sadaharu Oh, o Babe Ruth do beisebol japonês, escreveu um poema ao esporte no qual louva o calor do sol e antecipa a mudança iminente para “a luz do inverno que chega”.

Não é de surpreender, portanto, que a literatura produzida pelo beisebol seja mais rica do que a de qualquer outro esporte. Escritores norte-americanos – os romancistas

Ernest Hemingway, John Updike e Bernard Malamud e a poeta Marianne Moore – viram a nação dos sonhos no jogo. Mas nele também se encontra a profanação dos sonhos. Como o próprio país, o beisebol lutou contra a integração até que Jackie Robinson, o primeiro afro-americano da liga profissional, defendeu tudo o que o país queria acreditar. Os Estados Unidos também resistiram ao seu próprio autoproclamado destino de ser o país de todos e, depois, quando de fato lutaram para se tornar o país de todas as raças – negros, asiáticos, latino-americanos, de todos – o lugar melhorou. O mesmo aconteceu com o beisebol.

Discreta e silenciosamente o beisebol exhibe o projeto da própria Constituição dos EUA. O texto básico da Constituição é a construção principal, uma estrutura simétrica do século 18 fundamentada nos princípios iluministas da razão, do otimismo, da ordem e de comedimento diante da emoção e da paixão. Os arquitetos da Constituição, todos eles mentes formadas pelo Iluminismo britânico, buscaram construir uma casa em que os norte-americanos pudessem viver sem derrubá-la, colocando seus impulsos acima de sua racionalidade. Mas o problema daquele corpo original de leis é que era demasiado estável, demasiado rígido. Assim, os Fundadores apareceram com uma Declaração de Direitos, que nos termos do beisebol pode ser vista como o estímulo da liberdade individual em meio a leis rigorosas. O beisebol é ao mesmo tempo clássico e romântico. Como os Estados Unidos. E tanto o país quanto o esporte sobrevivem ao manter os dois impulsos em equilíbrio.

Se o beisebol representa praticamente todas as qualidades do país em equilíbrio, o futebol americano e o



O futebol americano é marcado pelo progresso ganho centímetro a centímetro. O *quarterback* Donovan McNabb corre para avançar a bola

basquete mostram onde essas qualidades podem ser exageradas, enfatizadas em excesso e com frequência distorcidas. O futebol americano e o basquete não são esportes esteticamente belos. Eles são mais caóticos, mais sujeitos a explosões selvagens. E, no entanto, deve-se observar que ambos são muito mais populares do que o beisebol, o que pode sugerir que os norte-americanos, tendo estabelecido as regras, estão sempre procurando infringi-las.

O futebol americano, como o beisebol, é um jogo do progresso individual dentro de limites. Mas, ao contrário do beisebol, o progresso individual é obtido centímetro a centímetro,

sem escrúpulos. O jogo envolve dor. O corredor que carrega a bola resiste a encontrões de todo o tipo enquanto avança, às vezes não mais do que uns 30 centímetros por vez. Quase sempre é empurrado para trás pelos defensores. Nove metros parece uma distância curta para avançar, no entanto, como numa guerra, quase sempre significa vitória ou derrota.

O jogo corrido é operado pela infantaria; o jogo de passes, pela força aérea. Ou pode-se ver o jogo aéreo como função dos “oficiais” do time – aqueles que arremessam e agarram – em oposição aos bloqueadores avantajados, com cara de cachorro, das trincheiras, aqueles que literalmente ficam em combate. Essas analogias com a guerra não são de forma alguma forçadas. O espírito do jogo, a terminologia, os próprios uniformes, cobertos por máscaras e capacetes protetores, invocam operações militares. Contusões (vítimas) não são algo incomum nesse esporte; fazem parte do jogo.

E, ainda, o futebol americano reflete nossas atitudes conflitantes em relação à guerra. De modo geral, os norte-americanos sempre relutam em entrar numa guerra, mesmo quando nossos líderes pensam diferente. Simplesmente queremos ganhar e sair fora o mais rápido possível. No início da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos ocupavam a 27ª posição em armamentos entre as nações do mundo. Ao final da guerra, eram o número um, com o segundo lugar muito distante. Mas nós só entramos porque precisávamos esmagar os gângsteres e dar logo um jeito na situação. Assim, o futebol americano é guerra em seu estado ideal, guerra em espaço limitado. Dura quatro tempos. Um quinto tempo pode ser acrescentado se houver empate e terminado com “morte súbita”. Mas a menos que algo anormal ocorra, nenhum guerreiro realmente morre.

Não apenas os jogadores se parecem com guerreiros; os torcedores ficam roxos de tanta fúria. A torcida do futebol americano pode não ser tão devastadora quanto a torcida do futebol europeu, no entanto, todos os domingos os torcedores se vestem como antigos guerreiros celtas com caras pintadas e corpos seminus em pleno inverno.

Aqui não se trata de um esporte para as classes mais altas. O futebol americano só teve esse status nas faculdades da Ivy League das décadas de 1920 e 1930. Hoje o jogo profissional pertence em grande parte à classe trabalhadora. Ele diz muito sobre o norte-americano que trabalha com suas mãos, que ganha seu pão com grande dificuldade e a um alto custo. O jogo não deixa de ter suas sutilezas; foi necessário um bocado de inventividade para se chegar a uma bola cujo formato permite que ela seja chutada e arremessada. Mas basicamente esse é um jogo de grunhidos e ossos quebrados e planos de batalhas (agrupamentos para combinar os lances) que podem dar errado. Tem até mesmo a falta de clareza da guerra. Uma jogada acontece, mas não é oficial até que o

árbitro assim a considere. Bandeiras indicando penalidades são mostradas com atraso, uma jogada pode ser anulada, repetida e toda a excitação do aparente triunfo pode ser reduzida por um julgamento exterior, por uma perspectiva diferente.

Mas é principalmente no papel do *quarterback* que o futebol americano consegue retratar o espírito norte-americano. Meu filho Carl, ex-cronista esportivo do The Washington Post, me mostrou que ao contrário de qualquer outro esporte, o futebol americano depende quase totalmente da habilidade de um único indivíduo. Em outros esportes coletivos, a ausência de uma estrela pode ser compensada, mas no futebol americano o *quarterback* é tudo. Ele é o líder norte-americano, o herói, o general que não pode ser substituído pelo trabalho de equipe. Ele representa a

iniciativa individual e a autoridade individual. E assim como o presidente – o diretor executivo da nação – tem mais poder do que aqueles em outras esferas governamentais que supostamente devem mantê-lo sob controle, o *quarterback* é o presidente do jogo. Os torcedores o veneram ou o ridicularizam com a mesma intensidade emocional com que tratam os presidentes dos EUA.

Quanto ao *quarterback*, ele tem de ser o que o cidadão norte-

americano também tem de ser para ser bem-sucedido – imaginativo e estável – e precisa saber quando ser o quê. Se os jogos que ele orchestra são muito selvagens, improvisados com muita frequência, ele falha. Se são muito previsíveis, ele falha. Todas as nuances do individualismo norte-americano recaem sobre seus ombros e ele demonstra e testa um sistema que conta com a confiança irrestrita e exagerada do empreendedor individual.

A estrutura do basquete, o menos perfeito dos nossos três jogos, depende quase que inteiramente do tamanho dos jogadores, portanto, do indivíduo. Com o passar dos anos, as dimensões da quadra mudaram porque os jogadores ficaram maiores e mais altos; as linhas mudaram; as regras relativas à enterrada da bola mudaram e voltaram a mudar pela mesma razão. A duração dos tempos é diferente para profissionais e estudantes, assim como o tempo permitido para que um arremesso seja feito. Outras regras também são diferentes. O jogo de basquete começa e termina com o indivíduo e com o virtuosismo do ser humano. Assim, de certa forma, é o esporte mais expressivamente norte-americano em sua ênfase à liberdade.

ENSAÍSTA E HUMORISTA GARRISON KEILLOR HAPPY TO BE HERE, 1981

“Meu pai também me ensinou a arremessar a partir dos ombros – um movimento suave, sem exageros, com uma quebrada do pulso para colocar calor na bola. Afirmando que se pode dizer alguma coisa sobre o caráter de um homem a partir de seu movimento para arremessar e sou grato a tudo que meu pai fez para fazer de mim um homem honesto. Arremesso bem hoje, muitos anos mais tarde, mas ainda tenho receio de lidar com um bola curta rebatida para o alto e o meu desejo é que fosse rebatida por outra pessoa.”

A integração levou muito menos tempo no basquete do que nos outros dois grandes esportes norte-americanos, porque desde muito cedo se tornou o jogo das áreas mais pobres da cidade e muito popular entre os afro-americanos. Mas o prazer de assistir a um jogo de basquete deriva das qualidades do esporte desprovidas de qualquer conotação racial. Aqui está um contexto onde literalmente a ascensão social é demonstrada em uma competição aberta. Negros ou brancos, os melhores jogadores fazem os melhores passes, bloqueiam a maioria dos arremessos e fazem mais pontos.

Assemelhando-se a outras estruturas norte-americanas, tanto empresariais quanto governamentais, o jogo também demonstra o quão delicado é o equilíbrio entre o jogo individual e o de equipe. Jogadores extraordinários do passado, como Oscar Robertson, Walt Frazier e Bill Russell, mostraram que a essência do basquete era o trabalho de equipe; a vitória exigia olhar para o jogador em melhor posição para arremessar e fazer a bola chegar até ele. Um time vencedor era um time onde o que importava era o conjunto. Nos últimos anos, a maioria dos times profissionais abandonou a idéia em nome dos talentos excepcionais de um indivíduo, muitas vezes mais preocupados com o espetáculo. No entanto, está mais do que provado que se um jogador deixa o resto do time para trás, todos perdem.

O grande apelo do basquete nos Estados Unidos está no fato de que uma criança, por mais pobre que seja, pode contribuir para enriquecê-lo, e que há um mistério na forma como isso acontece. Nem o beisebol nem o futebol americano possuem o irresistível estímulo, o fascínio sincopado desse jogo no qual o corpo humano pode fazer coisas extraordinárias, desafiar a gravidade com tamanha graça. A crença no mistério é parte do lado ingenuamente belo do sonho americano, que de fato acredita que o impossível é possível.

Essa crença mergulha fundo no universo esportivo dos Estados Unidos. Ela começa cedo na vida de um norte-americano, com um jogo de agarrar ou arremessar uma bola de futebol americano ou com crianças arremessando bolas de basquete em um playground. A primeira vez que se rebata uma bola de beisebol, a primeira vez que se arremessa com destreza uma bola de futebol americano, a primeira vez que



Para as crianças norte-americanas, os jogos começam cedo

um menino ou uma menina tem força para arremessar uma bola de basquete na cesta – esses são ritos de passagem da nação. De certa maneira, eles indicam como alguém se torna norte-americano tenha esse alguém nascido ou não no país.

É claro que tudo que é uma grande ilusão também pode cair por terra. O negócio do esporte pode desvirtuar o sentido de jogo. Os conflitos entre proprietários vorazes e jogadores igualmente vorazes podem deixar os torcedores em situação difícil. Os próprios torcedores podem se comportar de modo tão monstruoso a ponto de envenenar a essência do jogo. O profissionalismo dominou os esportes organizados de tal modo nas escolas que as crianças chegam ao ensino médio completamente saturadas. Como os esportes, os Estados Unidos foram criados na fantasia da perfeição humana. Quando essa fantasia entra em choque

com a realidade das limitações humanas, a desilusão pode ser amarga.

Ainda assim, a fantasia continua – dos esportes e das nações. Os Estados Unidos só são bem-sucedidos no mundo, e consigo próprios, quando se aproximam de seus ideais projetados, quando anseiam alcançar sua forma mais pura. O mesmo vale para seus esportes. Os dois empreendimentos enfocam o indivíduo em sua caminhada rumo ao topo, levando outros com ele, em direção a uma maior igualdade e à vitória para todos. Essa é a razão por que jogamos. ■



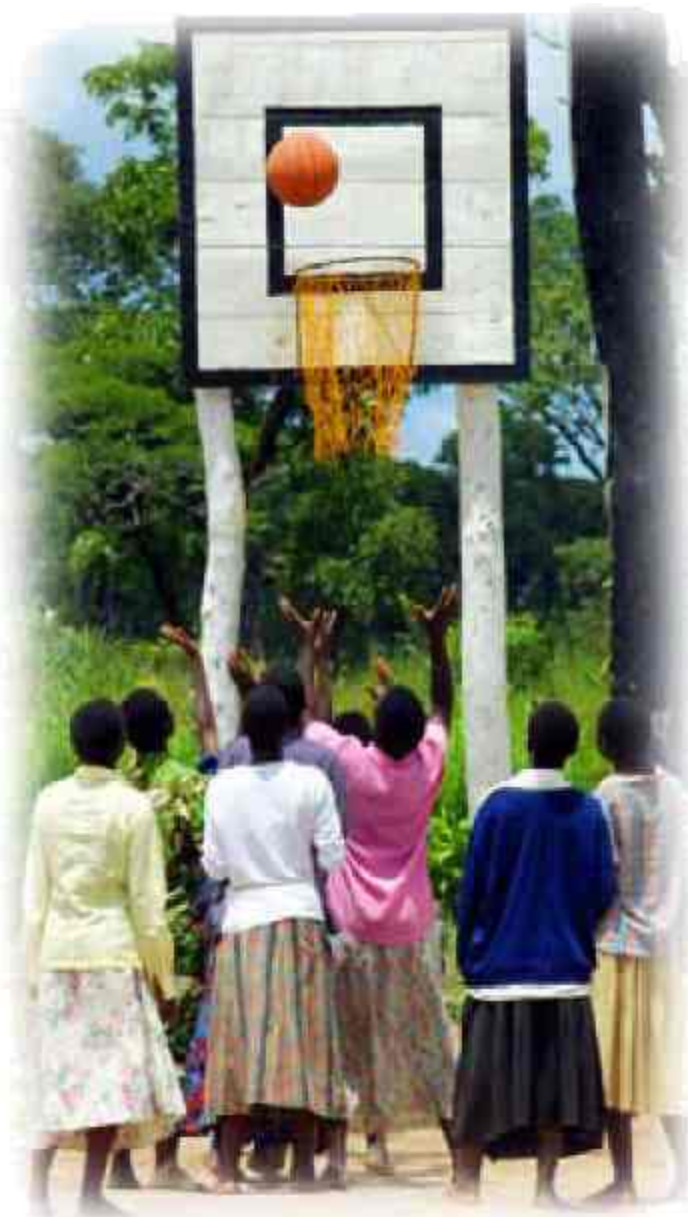
Roger Rosenblatt é jornalista, escritor, dramaturgo e professor. Como ensaísta da revista Time, ganhou diversos prêmios do jornalismo impresso, inclusive dois prêmios George Polk, bem como prêmios do Overseas Press Club e da Ordem dos Advogados dos EUA. Os ensaios que apresenta na rede de televisão pública nos Estados Unidos lhe valeram os prestigiosos prêmios Peabody e Emmy. É o autor, mais recentemente, de Where We Stand: 30 Reasons for Loving Our Country e de Rules for Aging: A Wry and Witty Guide to Life.

JOGOS PARA O MUNDO INTEIRO

David Goldiner

O beisebol e o basquete, e em menor grau o futebol americano, conquistaram a imaginação de atletas e amantes do esporte em todo o mundo. Nas ligas profissionais e universitárias dos Estados Unidos, os jogadores estrangeiros destacam-se cada vez mais nesses jogos bem como no hóquei no gelo, futebol e outros esportes.

Em uma quadra de basquete empoeirada nos arredores de Johannesburgo, África do Sul, em setembro passado, Michel Los Santos, um garoto angolano de 17 anos, lutava para que seus arremessos de longa distância entrassem na cesta. O pivô nigeriano de compleição robusta Kenechukwu Obi, 15, ofegando e bufando após pegar um rebote, admitiu que seu primeiro contato com uma bola de basquete ocorreu apenas três meses antes. O magérrimo Cheikh Ahmadou Bemba Fall falou que a maioria de seus amigos na cidade portuária de St. Louis costuma jogar basquete com os pés descalços.



Meninas do Congo arremessam bolas em um campo de refugiados na Zâmbia

Esses três jogadores estavam entre os cem jovens talentos africanos reunidos no primeiro centro de desenvolvimento profissional da Associação Nacional de Basquete (NBA) no continente.

Dikembe Mutombo, pivô do All-Star, que foi tirado da obscuridade no Zaire há 15 anos, ensinou aos jovens algumas jogadas básicas e dirigiu a eles palavras de estímulo. "Quero que saibam que podem atingir um novo patamar se realmente desejarem ficar famosos", disse Mutombo, que costuma visitar sua terra natal, agora chamada de República Democrática do Congo, com frequência.

"Os jogos da NBA são atualmente uma atração global", declarou Mutombo, que agora joga pelo time do New York Knicks da NBA. "No passado, o futebol era o esporte mais popular, mas hoje em dia, em qualquer país, as crianças precisam apenas de dois segundos para reconhecer 10 jogadores da NBA. A liga deveria sentir orgulho de tamanho sucesso".

Embalados pelas perspectivas de fama e de contratos de milhões de dólares para jogar bola nos Estados Unidos, esses 100 jogadores vêm de municípios muito pobres

da África do Sul, cidades congestionadas da Nigéria e da margem do Deserto de Saara.

Será que algum deles vai conseguir realizar os sonhos? Talvez não. Mas a sua mera presença na quadra, sem mencionar as arquibancadas cheias de empresários esportivos e observadores, é uma prova da projeção global dos esportes norte-americanos. O basquete, o beisebol, o futebol americano e o hóquei no gelo são hoje indústrias multibilionárias que não apenas se autopromovem, mas também recrutam novos talentos nos quatro cantos do mundo.

UMA VIA DE MÃO DUPLA

O fenômeno resultou em uma atípica via de mão dupla cultural: os esportes norte-americanos são transmitidos em todo o mundo por meio da onipresente TV e da internet. Em compensação, nos últimos anos as estrelas estrangeiras invadiram os campos, as quadras e os ringues das ligas profissionais e principais faculdades dos Estados Unidos em números inimagináveis.

Jaromír Jagr, ala conhecido por marcar muitos pontos para o time de hóquei Washington Capitals, liderou uma verdadeira invasão de jogadores talentosos oriundos do Leste Europeu e da ex-União Soviética. No beisebol, o rebatedor Sammy Sosa é apenas um de um número indeterminado de estrelas da República Dominicana que veio disposto a fazer sucesso na Liga Profissional de Beisebol. Estrelas japonesas como Ichiro Suzuki e coreanas como Chan Ho Park aumentaram a popularidade do esporte na Bacia do Pacífico.

O pivô chinês de basquete Yao Ming, o famoso atacante alemão Dirk Novitzki, conhecido por marcar muitos pontos, e o brasileiro Nenê Hilário surgiram em lugares atrasados e pouco conhecidos do mundo do basquete para se tornarem estrelas da NBA. As estrelas femininas das pistas destacaram-se nas competições de atletismo das faculdades e as de basquete, encorajadas pela popularidade do basquete feminino em países como Portugal e Brasil, internacionalizaram a nova Associação Nacional de Basquete Feminino (WNBA).

"Agora é um jogo para o mundo inteiro", disse o pivô nascido na Sérvia Vlade Divac, que joga no Sacramento Kings.

POR AMOR AO ESPORTE

Nem sempre foi assim. Houve uma época em que os observadores e treinadores dos Estados Unidos mais pareciam altruístas solitários que ajudavam os atletas de países em desenvolvimento por amor ao esporte.

A estrela das pistas Mal Whitfield ganhou três medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de 1948 e 1952. No auge da Guerra Fria, o governo dos Estados Unidos decidiu enviar atletas norte-americanos de nível internacional em missões de boa vontade ao redor do mundo e Whitfield foi selecionado para ser um dos primeiros desses embaixadores.

Whitfield, atualmente com 79 anos e aposentado, passou boa parte das quatro décadas seguintes viajando pelo mundo e treinando jovens estrelas das pistas. Chegou mesmo a viver em países como Quênia, Uganda e Egito ao participar do programa Sports America da Agência de Informações dos Estados Unidos. O resultado foi uma maré de boa vontade com relação aos Estados Unidos e a concessão de medalhas olímpicas a vários atletas africanos. Treinou inclusive mitos como o fundista Kip Keino do Quênia, que levou duas medalhas de ouro para casa, e o corredor de obstáculos John Akii-Bua de Uganda, que ganhou uma medalha de ouro em 1972.

Whitfield também inspirou uma segunda onda de técnicos norte-americanos que levaram seus ensinamentos à África e também aprenderam com os africanos, como Ron Davis, que se tornou treinador nacional de atletismo na Tanzânia, em Moçambique e nas Ilhas Maurício.

"Sei o que o esporte significa", afirmou Whitfield em uma entrevista de 1996. "Todos os norte-americanos têm uma tarefa a realizar. Quanto a mim, sou apenas um norte-americano orgulhoso."

Os sucessos obtidos, além de gerar uma série de medalhas para atletas olímpicos, foi uma das principais causas apontadas para que atletas de nações em

desenvolvimento afluíssem às universidades dos Estados Unidos, que passaram então a reservar uma determinada quantidade de bolsas de estudo para vários esportes. Alguns desses esportes, inclusive, não eram tão populares, como luta greco-romana, esgrima e atletismo. Mas essa exposição não chegou às principais ligas de esporte profissional, que eram predominantemente compostas por atletas nascidos nos Estados Unidos.

O CARISMA DE UM JOGADOR

O quadro começou a mudar há cerca de duas décadas. O público estrangeiro passou a sintonizar programas de esportes profissionais norte-americanos, especialmente basquete, atingindo audiências nunca antes imaginadas. Adolescentes com camisas dos jogadores ficavam acordados até depois da meia-noite para

assistir jogos ao vivo na televisão. Logo passaram a imitar os lances em suas próprias quadras e campos.

Afinal o que aconteceu? Em duas palavras: Michael Jordan



Mal Whitfield foi um dos primeiros embaixadores da boa vontade dos Estados Unidos no exterior

Mais do que qualquer outro atleta, Jordan, a superestrela sedutora e carismática do Chicago Bulls, transformou o esporte dos Estados Unidos em um fenômeno global. As incríveis enterradas e a graça dos movimentos atléticos de Jordan tornaram-no um ícone do sonho americano, estampado em pôsteres de todo o mundo. Tendo iniciado a carreira no final dos anos 1980, ele conseguiu atrair para o basquete centenas de milhões de dólares e se tornou uma das pessoas mais conhecidas em todo o planeta.

"Michael tornou o acontecimento importante em todo o mundo", escreveu Bob Kravitz, colunista do *Indianapolis Star*, em artigo que celebrou a última temporada de Jordan antes de se aposentar.

Na verdade, há muito tempo as estrelas norte-americanas são ícones culturais globais. Na música, Michael Jackson e Madonna venderam milhões de discos no mundo inteiro. Atores como Eddie Murphy e Richard Gere tornaram-se nomes familiares de Nova Delhi a Dacar. Mas essa exposição maciça dos esportes dos Estados Unidos fez mais do que simplesmente vender camisas. Atraiu uma nova e poderosa reserva de talentos para o jogo.

Certo dia em 1995, um garoto alto chamado Maybyner (Nenê) Hilário assistia a um jogo da NBA na TV de sua casa apertada nos arredores da cidade industrial de São Carlos, no Brasil. No dia seguinte, em vez de jogar futebol como sempre fazia, ele acabou improvisando um jogo em uma quadra também improvisada a partir de uma cesta armada sobre um carro batido em um terreno vazio. Hilário, atualmente com 21 anos, enterrou a bola com tanta força que arrancou a cesta. Hoje joga no Denver Nuggets.

Meio mundo distante, Mwadi Mabika passava horas sentada vendo um grupo de garotos jogar basquete em uma quadra de terra, na frente da casa de sua família em Kinshasa, República Democrática do Congo. Os garotos costumavam zombar da menina de oito anos, dizendo que ela podia arremessar a bola durante cinco minutos se tirasse a areia da quadra.

"Eu então limpava a quadra, mas às vezes nem mesmo me deixavam pegar na bola", declarou Mwadi, agora uma estrela do Los Angeles Sparks na WNBA.

Em um ginásio cheio de fumaça na cidade sérvia de Vrsac, um garoto magricelo de 14 anos chamado Darko Milicic treinava em um novo time que o havia atraído com um salário de US\$ 100 por mês. De repente, sirenes antiaéreas romperam o ar e as explosões se sucederam ao mesmo tempo em que aviões de guerra da Otan lançavam bombas para forçar a Sérvia a abandonar a província rebelde de Kosovo. Assustados, os jogadores suspenderam o jogo e concentraram sua atenção no técnico, que continuava a gritar para que não parassem de jogar.

Tais histórias estão indelevelmente escritas em qualquer lista de times profissionais. Em 1990, 20 jogadores estrangeiros jogavam na NBA. Na última temporada já havia 68.

O FUTEBOL AMERICANO NA EUROPA

O futebol americano também começou a se

expandir internacionalmente, embora em proporções menores. Durante anos, a Liga Nacional de Futebol Americano (NFL) havia recrutado estrangeiros que jogavam futebol para serem jogadores de futebol americano, inclusive lendas vivas como Morten Anderson da Dinamarca, o sul-africano Gary Anderson e o português Olindo Mare. Mas ainda era raro encontrar jogadores estrangeiros em um esporte praticamente desconhecido fora dos Estados Unidos.

Assim, o futebol americano conseguiu maior atenção internacional depois do lançamento da Liga da NFL na Europa, já que a mesma passou a oferecer a alguns neófitos europeus a oportunidade de jogar contra jogadores profissionais norte-americanos um pouco menos talentosos. Muitos dos estrangeiros — nesta temporada 90 deles fizeram suas estréias nas listas de jogadores para a pré-temporada da NFL — são filhos de imigrantes de lugares como México ou África Ocidental.

Os pais de Adewale Ogunleye, nascidos na Nigéria, procuraram fazer com que ele abandonasse o futebol americano, com seus contatos físicos duros, capacetes e ombreiras para os jogadores. "Achavam um esporte bárbaro", afirmou recentemente. Mas o fato de crescer em Nova York fez com que se afezasse ainda mais ao esporte e hoje é um famoso bloqueador da defesa do Miami Dolphins.

Antonio Rodriguez, que procura obter um lugar ao sol no time do Houston Texans, disse que seus amigos mexicanos não acreditaram quando ele comunicou que jogava futebol americano na faculdade. "Pensavam que estava falando de futebol... como é no México", disse Rodriguez.

Com referência ao hóquei no gelo, o maior obstáculo à sua prática nos Estados Unidos sempre foi de natureza política. Esse esporte sempre gozou de uma grande popularidade nos países do norte e do leste da Europa e na ex-União Soviética. Durante décadas, entretanto, os governos comunistas não permitiam que as estrelas da modalidade jogassem fora dos seus países ou assinassem contratos profissionais.

"Não davam às pessoas a liberdade de pensar ou agir por conta própria", declarou o ex-herói olímpico soviético Vyacheslav Fetisov. "Queriam controlar as pessoas. Era assustador".

Tudo isso mudou com o início da derrocada da Cortina de Ferro no final da década de 1980, pondo em debandada

ESCRITOR, EDUCADOR E HISTORIADOR JACQUES BARZUN GOD'S COUNTRY AND MINE, 1954

"Quem porventura desejar conhecer o coração e a mente dos Estados Unidos tem de aprender beisebol, as regras e os significados do jogo, e a melhor forma de fazer isso é observar primeiro algumas equipes de escolas de ensino médio ou de cidades pequenas."

uma série de jogadores da Rússia. Fetisov, o primeiro a partir, venceu duas Copas Stanley com o Detroit Red Wings. Foi seguido depois pelo extravagante marcador de pontos, Pavel Bure, e por Sergei Zubov, batedor de disco no hóquei, que passou a infância praticando esse esporte nos lagos congelados de Moscou.

"Já conhecia a NHL (Liga Nacional de Hóquei), mas nunca pensei que iria jogar lá um dia", disse Zubov. "Não pensávamos em coisas desse tipo." Hoje, mais de 60 jogadores da ex-União Soviética jogam na NHL.

Depois dos russos foi a vez de Jagr, que cresceu tirando leite de vacas em uma fazenda na República Tcheca e escolheu o número 68 como forma de homenagear a resistência de seu país durante a invasão soviética de 1968. Jagr fala que seu número "tem significado histórico, na República Tcheca".

ALATINO-AMERICANIZAÇÃO DO BEISEBOL

O beisebol dos Estados Unidos não teve de atravessar o Atlântico para encontrar uma reserva considerável de novos talentos. Eles estavam bem ali, para quem quisesse ver, nas plantações de cana de açúcar e nos terrenos baldios das cidades de países latino-americanos, como Venezuela, Panamá e, especialmente, a República Dominicana.

Durante décadas, apenas um pequeno número de jogadores latino-americanos — o lançador mexicano Fernando Valenzuela e o mágico dominicano da bola curva Juan Marichal — fez com que os fãs de beisebol sentissem o gosto do espírito exibicionista e talentoso existente ao sul da

DOS TEMPOS COLONIAIS

Os esportes coletivos foram uma manifestação inicial de vida na América do Norte colonial. Os jogos predecessores do beisebol e do futebol dos tempos modernos eram populares entre os colonizadores no início do século 18, décadas antes da Declaração de Independência dos Estados Unidos em 1776. Em meados do século 19, já haviam sido introduzidos as regras e os regulamentos formais que regem em grande parte esses jogos hoje em dia.

O futebol americano e o basquete apareceram pouco tempo depois.

As raízes do futebol americano parecem remontar a jogos da antiga Grécia e da Inglaterra medieval. Vários historiadores apontam sua origem norte-americana a um jogo disputado entre duas equipes de 25 jogadores cada das universidades de Rutgers e de Princeton no Estado de Nova Jersey em 1869. As autoridades do futebol americano eliminaram suas facetas mais violentas a pedido do presidente Theodore Roosevelt (1901-09), e o tamanho da equipe sofreu reduções ao longo dos anos até chegar à forma atual de 11 jogadores.

O basquete é um jogo norte-americano por excelência. Em 1891, James Naismith, professor de educação física onde hoje é a Faculdade de Springfield em Springfield, Massachusetts, recebeu ordens do seu chefe para inventar um jogo que pudesse ser disputado em ambiente interno durante os meses frios de inverno. Naismith tinha duas cestas usadas para carregar pêssegos, pregadas a um balcão nas extremidades opostas do ginásio da escola. Ele reuniu duas equipes de nove jogadores cada, deu-lhes uma bola de futebol e explicou que o objetivo era fazer que a bola entrasse na cesta que estava sendo defendida pelo time adversário. Também batizou o jogo de Basket Ball, a versão moderna de um esporte que hoje é disputado em praticamente todos os países do mundo.

O hóquei no gelo originou-se no Canadá no final do século 19. O futebol sempre foi jogado, como era o caso de lacrosse, jogo de origem indígena norte-americana, mas em escala menor do que os três grandes esportes coletivos, isto é, beisebol, basquete e futebol americano. Nos últimos anos, entretanto, o futebol tornou-se tremendamente popular. Cerca de 3,9 milhões de meninos e meninas praticam esse esporte atualmente, principalmente em ligas suburbanas que produziram muitos jogadores de nível internacional. Lacrosse, antes jogado quase que exclusivamente na costa do nordeste dos Estados Unidos, também se propagou por todo o país.

As competições individuais acompanharam o crescimento dos esportes coletivos. Disputas de tiro e pesca eram parte da experiência colonial, como boxe, corridas e corridas de cavalo. O golfe e o tênis surgiram no século 19. As últimas décadas geraram uma grande variedade de atividades e disputas repletas de desafios, como windsurf, mountain biking e escalada, coletivamente conhecidos como "esportes radicais".

fronteira. Na década passada, a torneira foi aberta e agora mais de um quarto de todos os jogadores da Liga Profissional de Beisebol nasceram fora dos Estados Unidos.

Não foi preciso exposição na TV ou na internet para mostrar a jovens dominicanos, como o rebatedor Sammy Sosa ou o lançador Pedro Martinez, como jogar bola. O beisebol tem sido o jogo favorito da ilha desde que foi levado para as suas praias há mais de um século.

Sosa cresceu vendendo laranjas e engraxando sapatos nas ruas de San Pedro de Macoris, cidade portuária louca por beisebol nos arredores da capital São Domingos. Sua disputa pau a pau com Mark McGwire para bater o recorde de home runs em uma única temporada, batalha essa vencida por McGwire, abriu ainda mais olhos para o potencial ilimitado de talento à espera na República Dominicana. Praticamente toda equipe da liga profissional possui atualmente seu próprio centro de treinamento na ilha, enquanto outros percorrem o Panamá, a Venezuela e a América Central em busca de novas estrelas.

Cuba, que possui alguns dos maiores talentos do mundo, podia se constituir em um verdadeiro repositório de estrelas, mas o governo comunista de Fidel Castro ainda faz todo o possível para evitar a saída de seus melhores atletas.

O Extremo Oriente também é um novo mercado de grande potencial, e isso foi mostrado pelas estrelas japonesas e mesmo coreanas que se deslocaram para os Estados Unidos a fim de provar o seu valor.

Todas as estatísticas e tendências de longo prazo não tinham nenhum grande

significado para Los Santos, o adolescente angolano que deu mostras de sua capacidade no centro de treinamento da NBA na África do Sul. Em um continente no qual calçados esportivos e bolas são artigos de luxo, Los Santos se considera um garoto de sorte por poder jogar em uma liga que dispõe de treinadores e quadras pavimentadas ali mesmo em Luanda, uma capital devastada pela guerra. Como milhões de crianças em todo o mundo, ele vê o seu talento como um bilhete que pode um dia ser premiado e levá-lo da miséria à riqueza nos Estados Unidos.

"Quero fazer faculdade", declarou Los Santos, exibindo um sorriso largo.

"Depois quero ganhar dinheiro e ficar famoso." ■

David Goldiner é escritor e repórter do New York Daily News.

A MULHER NOS ESPORTES

Claire Smith

Meninas e mulheres estão participando como nunca em todos os níveis de esportes organizados nos Estados Unidos, graças à mudança de atitude das pessoas e uma importante legislação federal.

Em 1982, quando seu time de basquete da pequena faculdade Cheyney State College da Pensilvânia qualificou-se para o primeiro campeonato feminino nacional criado pela Associação Atlética Universitária Nacional (NCAA), C. Vivian Stringer, que iniciava uma carreira esportiva que logo a levaria ao Hall da Fama, sentiu como se estivesse voando para a lua.

Se para a NCAA, principal entidade responsável pelos esportes universitários nos EUA e patrocinadora de longa data de campeonatos masculinos de alto nível, o evento era apenas um novo território a ser explorado, para as mulheres foi um fato sem precedentes.

Mesmo para os nomes mais famosos do basquete feminino, as conquistas tinham sempre ocorrido sob o guarda-chuva do esporte universitário masculino, com seus patrocinadores generosos e exposição televisiva muito bem remunerada. Assim, para se qualificar para aquele primeiro campeonato, o time de Stringer teve que *chegar lá*.

A viagem da área rural do sudeste da Pensilvânia para a abertura do evento no campus da Old Dominion University, em Norfolk, Virgínia, teve muitas paradas para venda de biscoitos, rifas, pedidos de doações e outras formas de captação de fundos que Stringer e o time da faculdade historicamente negra inventaram.

"Lembro-me de ir a uma igreja para pedir dinheiro para que pudéssemos bordar o C branco de nossa escola nos suéteres e fazer bonito ao entrarmos no avião, diz Stringer, rememorando a longa viagem para aquela primeira competição oficial, na qual Cheyney State perdeu para a famosa Louisiana Tech. "Uma loja de artigos esportivos nos deu uniformes para que pudéssemos ter mais de uma muda de roupa. A administração da faculdade também pediu outras doações às empresas locais. No campus, nosso sucesso inspirava tanto medo quanto a nossa derrota porque a idéia era sempre a mesma, "Como vamos pagar para participar da próxima rodada?"

Agora, um pulo para o ano 2000. Stringer atualmente é técnica do time de projeção nacional da Universidade Rutgers, em Piscataway, Nova Jersey. Quando a Rutgers inesperadamente bateu a Universidade da Geórgia nas finais do Campeonato da Conferência Oeste da NCAA, para

Stringer isso significou uma terceira viagem para enfrentar as quartas-de-final – a rodada de jogos que envolve os últimos quatro times vencedores. Agora, observa Stringer, esses times viajam quase sempre na primeira classe.

A MÍDIA E AS MULTIDÕES

No limiar do século 21, a vida nesses times femininos de primeira linha era também de primeira. As atletas não apenas tinham acesso aos públicos de TV em nível nacional — e a recursos da exposição na TV — mas também esperavam e tinham regalias que antes eram exclusivas dos times de basquete masculinos. Além da cobertura da grande mídia, essas regalias incluíam ônibus personalizados, vôos exclusivos, hotéis de luxo e — o mais importante dos benefícios — torcidas leais. Na verdade, o destino para as quartas-de-final em 2000 não era um campus universitário sossegado, mas a metropolitana Filadélfia, na Pensilvânia, onde um complexo esportivo profissional novinho em folha, com 20 mil lugares, estava pronto para receber as atletas e seus entusiasmados torcedores.

Multidões lotaram o ginásio esportivo para ver não apenas o Rutgers, mas também vários outros times importantes, de renome nacional – como o time da Universidade do Tennessee e o da Universidade de Connecticut, a moderna dinastia do basquete que se tornara algo como foram os Beatles para a geração passada em termos de popularidade entre meninas pré-adolescentes. Transmitido em horário nobre na TV, o evento durou dois dias em um fim de semana e vendeu todos os ingressos. A semifinal arrebanhou o maior público pagante de jogos universitários — femininos ou masculinos — da história da Pensilvânia, assim como um número recorde de repórteres, jornalistas esportivos de rádio e TV, e outros profissionais da mídia.

Em retrospectiva, Stringer, agora membro do Hall da Fama do basquete feminino, lembra-se daquele fim de semana como um grande avanço. "Entrar e ver aquele ginásio gigantesco cheio, ver o impacto do esporte na Filadélfia e em outros lugares, foi algo que nunca sonhamos acontecer em 1982", disse.

O esporte feminino mudou de maneira radical em muitos níveis nas últimas décadas. Claro que tem havido percalços no caminho, um deles foi a recente extinção da Associação Unida de Futebol Feminino, resultado de baixas receitas e quedas nas vendas de ingressos. Contudo, apesar desses revezes, o crescimento do esporte feminino — de programas para a juventude a esporte nas escolas secundárias e universidades e depois nas ligas e campeonatos profissionais — foi nada menos que fenomenal.

Certamente as lendas do tênis feminino Althea Gibson e Billie Jean King nunca vislumbraram o sucesso, reconhecimento mundial e os ganhos financeiros sem precedentes de estrelas como Serena e Venus Williams. A lendária jogadora de golfe Babe Didrikson Zaharias não poderia prever a explosão da popularidade do golfe feminino, com sua constelação de estrelas internacionais como Annika Sorenstam da Suécia e Se Ri Pak da Coreia do Sul.

O INCENTIVO DO TÍTULO IX

A imensa enxurrada de atletas talentosas que inundou os campos esportivos dos Estados Unidos, bem como as oportunidades que surgiram com isso, deve-se, sem dúvida, ao movimento feminista dos anos 1960 e 1970, com sua ênfase na autonomia e capacitação das mulheres em todos os níveis. Mas o verdadeiro incentivo foi o Título IX, marco da legislação do governo dos EUA, sancionada pelo presidente Richard Nixon em 1972, que garantiu direitos iguais para meninas e mulheres em todos os aspectos da educação, inclusive nos esportes.

Quando as faculdades e universidades começaram a por a lei em prática, surgiram parcerias entre atletas femininas e muitas instituições que incentivam os esportes nos Estados Unidos — entre elas a NCAA, o Comitê Olímpico e a televisão. Com a abertura do universo do esporte amador às mulheres, abriram-se também para elas as portas das empresas norte-americanas, resultando em mais e mais patrocínios para o esporte feminino profissional.

Muitos questionarão se o Título IX chegou a ser aplicado de maneira adequada ou plena, atingindo seus propósitos em sua totalidade. É claro que o futebol americano e o basquete masculino continuam a ser as principais forças nos campi da nação. Há quem diga também que o Título IX acirrou, em vez de aplacar, a guerra entre os sexos, havendo evidências de que a aplicação da lei pode ter tido um efeito prejudicial no esporte masculino; um estudo de 2002 do Tribunal de Contas Geral dos EUA revelou que 311 equipes

masculinas de luta greco-romana, natação e tênis foram eliminadas dos programas esportivos universitários dos EUA entre 1982 e 1999.

Polêmico ou não, o Título IX continua em vigor. Em julho de 2003, o Departamento de Educação dos EUA (DOE) divulgou um relatório, baseado em um levantamento de um ano inteiro, no qual se reafirma o cumprimento das



Mia Hamm (esquerda), estrela de futebol dos EUA, depõe no Congresso, juntamente com uma executiva do esporte e uma jogadora de hóquei de colégio. Todas salientam o crescente papel das mulheres no esporte nos EUA

regras e normas do Título IX, apenas com ligeiras mudanças em termos de ênfase.

Prova recente da determinação do país inteiro de levar a sério o Título IX foi a decisão, em novembro de 2003, de um juiz federal da Pensilvânia que ordenou uma universidade de sua jurisdição a retomar o programa de ginástica feminina da instituição. Devido a problemas orçamentários e corte nas verbas do governo estadual, a Universidade de West Chester eliminara o programa em abril de 2003, juntamente com o time masculino de lacrosse. Mas o time masculino era muito maior; como resultado, o tribunal considerou que a universidade não cumpriu sua obrigação legal segundo o Título IX, no sentido de dar espaço para as atletas femininas de maneira proporcional. A ginástica faz parte novamente dos programas de atletismo da escola.

O debate sobre os méritos e efeitos indiretos da lei nunca terminará. É um debate sem fim. O que não é passível de debate é: o Título IX mudou o panorama esportivo dos EUA para sempre.

'BASQUETE FEMININO PROFISSIONAL!'

Um exemplo impressionante é a Associação Nacional de Basquete Feminino (WNBA). Ela atua com todo o brilho e glamour, inimaginável para as meninas de 30 anos atrás, nas cidades das superligas e moderníssimos ginásios esportivos. Como dizem as jogadoras do Los Angeles Sparks, time bicampeão mundial feminino sediado em Los Angeles, elas proporcionam tanto “espetáculo” em qualquer dia de jogo no luxuoso Staples Center quanto os homens do Lakers, o time da Associação Nacional de Basquete (NBA), que patrocina o Sparks.

"Quando você entra no Madison Square Garden para ver o New York Liberty, você pára e diz, 'isso é basquete feminino profissional!'", comentou Stringer quando o time da WNBA de Nova York entrou. "Há coisas que eu jamais poderia imaginar".

Da mesma forma que o Título IX permitiu um avanço gradual, ele também desencadeou uma cascata de oportunidades nos campos

esportivos, onde as meninas são mais do que meras espectadoras ou animadoras de torcidas. As estatísticas falam mais alto: segundo a Fundação do Desporto Feminino, um grupo sem fins lucrativos de defesa do esporte feminino, antes da promulgação do Título IX apenas uma em cada 27

moças participava de esportes em nível de ensino médio. A fundação diz que atualmente uma em cada três jovens participam. E à medida que as adolescentes crescem, cresce também seu interesse nos esportes. As estatísticas do DOE mostram hoje algo como 150 mil jovens praticando esportes universitários – cinco vezes mais que as 32 mil que estimou-se terem participado em 1972.

Há histórias de sucesso inquestionável por trás do mar de estatísticas. Por exemplo, foi o remo — não o basquete, futebol ou softbol — o primeiro esporte que lançou as mulheres a um patamar sem precedentes no âmbito da NCAA. Em janeiro de 1996, a NCAA elevou sua divisão feminina de remo ao nível de concorrente em campeonato, mas não fez o mesmo com a divisão masculina. Essa decisão significou não apenas que a NCAA concordou em bancar o campeonato nacional do esporte, mas também que o remo — historicamente com forte participação tanto masculina quanto feminina — tem a sanção e status de campeonato da NCAA apenas para suas equipes femininas.

Nikki Franke é um exemplo vivo dos sucessos mais discretos que são significativos devido a seu impacto duradouro. Franke, ex-atleta olímpica e técnica de longa data do famoso programa de esgrima da Universidade Temple da Filadélfia, vincula o crescimento de seu time feminino diretamente ao Título IX. Em 1972, ano de entrada em vigor

do Título IX, a escola elevou a esgrima feminina de nível de clube para o de esporte de equipe. "Não havia bolsas de estudo naquela época, mas elas tinham um time", diz Franke. "Foi assim que tudo começou". Hoje, observa, com todo o status que sua equipe conquistou, há "aspirantes", moças sem qualquer história de competição no ensino médio. E são aceitas da mesma forma nos times masculinos. "Se uma senhorita quer batalhar e aprender", diz Franke, trabalharemos com ela".

OS DESAFIOS CONTINUAM

Mas os desafios permanecem. O gênero ainda é um problema na área de treinamento. O desejo de ser, de alguma forma, iguais aos homens, significou entregar o esporte feminino aos homens. Sim, Franke pode citar uma seqüência infinita de sucessos. Pode citar também um legado solitário. Em 2002, Franke era uma das três únicas mulheres que trabalhavam como técnicas-chefe das 10 equipes líderes da esgrima do país. "Gostaria de ver muito mais mulheres

participando, mais técnicas em todos os níveis", diz Stringer. "Precisamos estimular mais mulheres nesse sentido".

As competições femininas nos EUA precisam também de mais mulheres como consumidoras — com todo o peso de seus dólares para gastar —

particularmente em uma época em que as mulheres aumentaram geometricamente sua presença como assalariadas no país. A dissolução da Associação Feminina Unida de Futebol (WUSA) — com sua constelação de atletas — resultou de uma incapacidade de consolidar o apoio e patrocínio das empresas em uma época de desaquecimento da economia norte-americana. Sua extinção foi uma grande decepção.

"É frustrante", diz Lynn Morgan, ex-executiva da WUSA, à época do fechamento da associação. "Você se esforça tanto, investe tanto mas a agulha se move tão devagar. Você vê o potencial, mas não consegue dar o salto para chegar lá".

O que resta agora nas fileiras da liga profissional é a WNBA com seus 14 times, em parceria com a NBA e apoiada apaixonadamente pelo presidente da NBA, David Stern. Contudo, ela também precisa aumentar as receitas ou poderá ter um destino semelhante.

AVANÇOS ALÉM DA ÁREA ESPORTIVA

Outros sucessos ajudam a contrabalançar esses desafios, sucessos além da área esportiva propriamente dita. Antigamente, jornalistas e radialistas esportivos eram exclusivamente homens. Não mais. Atualmente, muitas

ROMANCISTA RITA MAE BROWN SUDDEN DEATH, 1983

"O esporte desnuda a personalidade, deixando o alvo osso do caráter brilhar. O esporte dá aos jogadores a oportunidade de se conhecer e de testar a si mesmos. A grande diferença entre esporte e arte é que o esporte, como um soneto, impõe a beleza dentro de seu próprio sistema. A arte, por outro lado, rompe ciclicamente os limites e se liberta."

mulheres são comentaristas e apresentadoras de partidas de tênis e golfe na televisão, como também comentam jogos de futebol americano e basquete. Elas não são apenas figuras decorativas, mas jornalistas sérias.

Durante algum tempo, nos anos 1970 e 1980, as mulheres batalharam muito para poder entrar nos vestiários dos times profissionais, juntamente com seus pares masculinos, para fazer entrevistas após as partidas. O preconceito ainda existe. Como observou Chris Beman, jornalista da rede de TV a cabo ESPN, em meados dos anos 1990 ele podia errar o nome de um jogador sem muita repercussão, mas se uma mulher fizesse o mesmo o estrago seria grande. “Certo ou errado”, diz, “alguns telespectadores

expulsa do seu local de trabalho, mas porque uma cronista de beisebol o tinha sido.

Um mês após assumir o cargo de presidente, Peter Ueberroth abriu as portas do beisebol profissional a todos os repórteres credenciados, independentemente do sexo, da mesma forma que já haviam sido abertas na NBA e Liga Nacional de Hóquei. Em seguida, foi a vez da Liga Nacional de Futebol Americano, pondo um fim a uma luta que havia começado há muito tempo nos tribunais e nos corredores frios dos estádios e ginásios esportivos em todo o país. Além da importante decisão de Ueberroth, nunca me esquecerei da atitude do primeira-base do Padres, Steve Garvey, que me acompanhou no dia de minha expulsão do vestiário para



Técnica-chefe do basquete feminino, Jennifer Rizzotti, da Universidade de Hartford, exemplifica os avanços das mulheres no esporte nos Estados Unidos

vêm as mulheres jornalistas como culpadas até que provem o contrário, e os homens como inocentes até que se provem culpados”.

Mas gradualmente as críticas e o preconceito têm se dissipado. Quando esta repórter foi forçada fisicamente a sair do vestiário do San Diego Padres (beisebol profissional) durante o Campeonato da Liga Nacional de 1984, as reações de vários bastiões — predominantemente masculinos — foram bastante curativas, para não dizer úteis. A Associação dos Cronistas de Beisebol dos Estados Unidos protestou veementemente contra a política dos Padres ao escritório do presidente da Liga, mas não porque uma mulher tinha sido

garantir que eu faria pelo menos uma entrevista sobre o jogo. “Fico com você o tempo que precisar”, disse Garvey, tentando acalmar a situação. “Mas você precisa se controlar. Você tem uma tarefa a cumprir”. Dois dias depois, Garvey elaborou seu pensamento: “Você tinha uma tarefa a cumprir e todo o direito de cumpri-la”.

Garvey sintetizou não apenas a luta, mas também a razão de levá-la adiante permanentemente. ■

Claire Smith é editora de esportes adjunta do Philadelphia Inquirer da Filadélfia, Pensilvânia.

VITÓRIA DOS E PARA OS DEFICIENTES



Susan Greenwald

Novas leis e mudanças de atitudes pelo público criaram oportunidades, antes inexistentes, para pessoas com deficiências participarem de esportes recreativos e competitivos. Alguns atletas deficientes até mesmo competem com atletas saudáveis, nos níveis interescolares, internacional e profissional.

Norte-americanos com deficiência física, como a atleta paraolímpica Allison Jones, acima, competem em inúmeros esportes

Acada inverno, nas montanhas geladas ao redor do Lago Tahoe, na Carolina do Norte, esquiadores e teleféricos passam a toda velocidade por uma pequena construção coberta de madeira ao pé de uma das montanhas. Esquis estão encostados nas paredes externas da construção, perto de cadeiras de rodas vazias que parecem estar fora de lugar, até que se descobre que essa construção abriga a primeira escola de esqui inteiramente adaptada a pessoas com deficiências mentais e físicas. A Tahoe Adaptive Ski School, projetada e construída pela Disabled Sports USA, capítulo Far West (<http://www.dsusafw.org>), é modelo pelas oportunidades que proporciona aos esquiadores deficientes de todas as idades e habilidades.

Segundo o Censo de 2000 dos EUA, há 49,7 milhões de norte-americanos acima de quatro anos com algum tipo de deficiência. Isso representa 19% da população, ou um em cada cinco cidadãos. Entre esses 19%, 14,3 milhões de norte-americanos são deficientes mentais e 2,2 milhões dizem usar cadeira de rodas. Para esses usuários de cadeiras de rodas e outros com deficiência física ou mental, a Tahoe Adaptive Ski School oferece a oportunidade de esquiar montanha abaixo ou fazer *cross-country* com esquis.

Mas as oportunidades esportivas para deficientes vão muito além de simplesmente esquiar. Dependendo do que a comunidade pode oferecer e da habilidade de cada atleta, esportes diversos, como hóquei, equitação, alpinismo, mergulho, ciclismo, esqui aquático, rúgbi, futebol americano, basquete e inúmeros outros estão disponíveis para atletas com deficiências.

VENCENDO A DISCRIMINAÇÃO

Três leis federais abriram as portas em todos os aspectos da vida para pessoas com deficiências nos Estados Unidos. A Lei de Reabilitação, adotada em 1973, foi a iniciativa mais importante nesse sentido. A finalidade principal da lei era impedir a discriminação nos empregos, transportes e programas de educação que recebiam recursos do governo federal. Programas de esportes não eram o enfoque da lei, mas ela reza que os colégios e universidades que recebem recursos federais para seus programas de educação física, inclusive esportes internos e interescolares, têm que ser acessíveis às pessoas com deficiências.

O arremessador Jim Abbott, que jogou beisebol na Universidade de Michigan e depois passou a jogar nos principais campeonatos profissionais por 10 anos, é apenas um exemplo de alguém que pode ter se beneficiado da Lei de Reabilitação. Nascido sem a mão direita, Jim arremessava com a mão esquerda e usava uma luva sobre o pequeno coto onde a mão direita deveria estar. Por vários anos, até sua aposentadoria em 1999, Abbott ganhou mais de US\$ 2 milhões por ano. É uma bela proeza um jogador de beisebol passar diretamente do time da faculdade para os principais campeonatos, mas Jim fez a transição parecer fácil — da mesma forma como parecia fácil a rápida troca da luva do coto da mão direita para a mão esquerda, que ele fazia imediatamente após o arremesso, para estar pronto para apanhar a bola.

As mais recentes leis federais, tendo como alvo o fim da discriminação contra pessoas com deficiências, foram promulgadas em 1990. A Lei Sobre a Educação de Indivíduos com Deficiências (IDEA) rege a educação de alunos da escola pública, portadores de deficiências. A IDEA declara que a educação física é um serviço educacional necessário; dessa forma, a lei facilita a participação de alunos com deficiências nos programas esportivos da escola pública e interescolares. A Lei dos Americanos Portadores de Deficiências (ADA) é uma lei abrangente que bane a discriminação contra pessoas com deficiências, especificamente em “locais de exercício”. Essa lei vai mais longe do que as leis anteriores e diz que todos os programas de esportes de escolas, universidades e comunidades devem observar as cláusulas da ADA.

Em um caso marcante em 2001, o jogador profissional de golfe e deficiente físico Casey Martin levou sua causa contra a PGA Tour até a Suprema Corte dos Estados Unidos. A Corte deliberou que, de acordo com as cláusulas da ADA, a PGA Tour, Inc. deveria permitir que Martin usasse um carro de golfe durante os torneios. Mesmo tendo uma deformidade e atrofia congênitas em uma das pernas, causadas por um transtorno circulatório degenerativo, Martin conseguiu vencer um evento profissional de golfe.

Os defensores dos direitos dos deficientes físicos afirmam que a ADA determina acesso aceitável às instalações e eventos esportivos para os deficientes. “Pessoas com deficiências se baseiam na ADA para fazer opções em sua vida e na maior aceitação por parte da sociedade”, diz John Kemp, advogado e defensor dos direitos dos deficientes que nasceu sem braços e sem pernas. “Os esportes são uma opção valorizada e os atletas deficientes físicos esperam ser incluídos tanto quanto possível”.

MUDANÇAS NA PERCEPÇÃO

Ver os atletas deficientes físicos competindo ao lado com atletas fisicamente aptos nos mesmos eventos causa mudança na percepção do público sobre as pessoas com deficiências. No entanto, apesar de uma maior conscientização das deficiências e das três leis federais promulgadas para pôr um fim à discriminação, nem todos os patrocinadores de eventos recebem os atletas deficientes de braços abertos. Segundo relatos na imprensa, o New York City Road Runners Club, anfitriões da Maratona da Cidade de Nova York (NYCM), nunca facilitou a participação dos deficientes físicos na corrida. Defensores dos deficientes afirmam que o tapete vermelho parece diminuir a cada ano. Após anos de controvérsias e batalhas, corredores em cadeiras de rodas ganharam a ação judicial contra a NYCM, que exigiu dos organizadores a realização de um início antecipado para esses corredores.

Enquanto a Lei de Reabilitação, a IDEA e a ADA tornaram os esportes mais acessíveis aos atletas com deficiências físicas, os Jogos Paraolímpicos Internacionais (<http://www.paralympic.org>) oferecem um espaço para a exibição dos talentos e habilidades da nata de atletas com deficiências físicas do mundo. Os Jogos Paraolímpicos, que

abranjem diversas modalidades esportivas, são o segundo maior evento do mundo, atrás apenas das Olimpíadas.

Os primeiros Paraolímpicos foram realizados em 1960 em Roma, na Itália. Em 1988, Seul, na Coréia do Sul, iniciou a prática moderna de nação anfitriã dos Jogos Olímpicos, que também sedia os Jogos Paraolímpicos. Atualmente, mais de 4.000 atletas de 120 países participam dos Paraolímpicos de Verão, enquanto mais de 1.100 atletas de 36 países competem nos Jogos Paraolímpicos de Inverno. Os grupos de deficientes representados incluem pessoas com membros amputados; atletas cegos ou deficientes visuais; atletas com paralisia cerebral, com lesões na coluna vertebral e outras dificuldades que os confinam a cadeiras de rodas, e atletas afetados por uma variedade de outras deficiências que não pertencem a uma categoria específica, como esclerose múltipla ou nanismo.

Os Jogos Paraolímpicos recebem muito mais cobertura televisiva e da imprensa em geral em toda a Europa do que nos Estados Unidos. Os atletas paraolímpicos geralmente são bastante populares na Europa. “Muitas pessoas com deficiência física nos Estados Unidos não desfrutam do nível de aceitação que os seus colegas europeus têm na Europa”, diz John Kemp, presidente e principal executivo da HalfthePlanet Foundation (<http://www.halftheplanet.org>). Mas o Comitê Paraolímpico (<http://www.usparalympics.org>) pretende mudar essa situação. Os Paraolímpicos dos EUA são uma divisão do Comitê Olímpico dos EUA e foram criados em maio de 2001 para centralizar os esforços no aumento de oportunidades para pessoas com deficiências físicas participarem em esportes paraolímpicos. Os Estados Unidos sediaram os últimos Paraolímpicos de Inverno em Salt Lake City, Utah, em 2002.

Marla Runyon, cinco vezes medalha de ouro nos Jogos Paraolímpicos, tornou-se a primeira corredora legalmente cega a se qualificar para o time Olímpico dos Estados Unidos. Diagnosticada com a doença de Stargardt quando criança, Marla é portadora de cegueira conforme definido por lei, há mais de 20 anos. Marla correu os 1.500 metros dos Jogos Olímpicos de Verão em Sidney, em 2000, e classificou-se em oitavo lugar, sendo o primeiro atleta Paraolímpico a competir nas Olimpíadas. Ela agora pretende correr os jogos de longas distâncias. Na Maratona da Cidade de Nova York de 2002, Marla ficou em quinto lugar entre os maratonistas mais velozes do mundo, com um tempo de 2:27:10. Em 2003, decepcionou-se por ter ficado em vigésimo lugar.

FAZER O QUE TEM DE SER FEITO

Zoe Koplowitz, com 55 anos de idade, também completou a Maratona da Cidade de Nova York, exatamente um dia após os outros competidores, com um tempo de 29

horas e 45 minutos. O tempo não é problema para Koplowitz, portadora de diabetes e esclerose múltipla há 30 anos. Ela usa duas muletas roxas para auxiliar na corrida e pára freqüentemente para descansar e verificar seus níveis sanguíneos. “Acredito que essa seja a lição fundamental: simplesmente ir em frente até chegar lá” disse aos repórteres na linha de chegada após completar sua 16ª corrida naquele evento. “Faz-se o que tem

ROMANCISTA JOHN IRVING O MUNDO SEGUNDO GARP, 1976

“Naquela primeira temporada de lutas em Sterling, Garp trabalhou duro e contente para conhecer seus pontos fracos e seus pontos fortes. Apesar de ser obviamente superado pelos garotos do colégio na sua faixa de peso, ele nunca reclamou. Sabia que havia encontrado seu esporte e seu passatempo. Levaria o melhor da sua energia até alcançar a habilidade da escrita. Ele amava a singularidade do combate e os amedrontadores limites do círculo desenhado na esteira; o terrível condicionamento; a constância mental para manter seu peso baixo.”

que ser feito.”

Há muitas histórias de atletas deficientes físicos corajosos e determinados, que não deixam nada atrapalhar suas atividades atléticas. Mark Wellman, que ficou paraplético em um acidente de alpinismo, desenvolveu um sistema de roldana que permite que ele faça alpinismo mesmo sendo paraplético. Esse incrível alpinista (<http://www.nolimitstahoe.com>) subiu em uma corda de quase quatro metros com a tocha paraolímpica, para acender o caldeirão nos Jogos Paraolímpicos de 1996 em Atlanta, na Geórgia.

Adaptação criativa não é somente para atletas com paralisia. Um dispositivo que emite luzes e sons permite que cegos e pessoas com deficiências visuais possam competir no boliche. Construído como projeto dos alunos do último ano durante o período letivo de 2002-2003 para aulas de educação física na Escola de Indiana para Cegos, o dispositivo é posicionado acima da pista de boliche e possui um conjunto de nove luzes brancas e sensores de som que servem como alvos.

As Olimpíadas Especiais (<http://www.specialolympics.org>) talvez sejam a mais conhecida organização para atletas com deficiências de desenvolvimento. As Olimpíadas Especiais oferecem a crianças e adultos com retardo mental a oportunidade de treinar e competir em 26 esportes de verão e inverno do tipo olímpico. Em Somers, Nova York, E.J. Greczylo, aluno da oitava série, com 15 anos de idade e portador da Síndrome de Down, jogou sua primeira partida de futebol americano colegial em outubro último. Os pais de E.J. creditam às Olimpíadas Especiais sua confiança para jogar e competir em vários esportes.

No último trimestre do ano, o futebol americano proporcionou maravilhosos momentos aos seus aficionados.

Em setembro, Neil Parry, jogador desse esporte pela Universidade Estadual de San José, estava jogando com seu time pela primeira vez em duas temporadas. Neil sofreu uma fratura exposta em 14 de outubro de 2000, durante um jogo contra a Universidade do Texas-El Paso, que acabou provocando a amputação da sua perna direita 7 centímetros

abaixo do joelho. Após 18 meses e vinte cirurgias, Neil retornou ao campo com o auxílio de uma prótese, servindo de inspiração a todos que o conheciam pela sua determinação. “Quem não consegue ser motivado [por Neil], não conseguirá ser motivado por mais ninguém”, afirmou o treinador-chefe Fitz Hill. “Falta-lhe energia”.

Nem todos os atletas batalham para competir no nível intercolegial, como Neil Parry, ou pela grandiosidade olímpica, como Marla Runyon. A maioria compete pelo



Eventos em cadeiras de rodas e os Paraolímpicos são comuns no cenário esportivo norte-americano da atualidade

exercício em si, por prazer ou para alcançar metas pessoais. Porém, em geral, é preciso uma dose extra de criatividade e inovação para que os atletas deficientes possam jogar e competir. Felizmente, temos hoje em dia centenas, talvez milhares de exemplos de pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para tornar possível a participação de

pessoas com deficiências físicas em esportes. ■

Susan Greenwald, escritora free-lance e usuária de cadeira de rodas começou a escrever sobre atletas com deficiência física após trabalhar nos Paraolímpicos de 1996 em Atlanta, na Geórgia.

O ORGULHO DAS PRADARIAS

Chuck Offenburger



Jogos colegiais na Iowa rural

O basquete feminino é inquestionavelmente mais popular e difundido em Iowa do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos. O autor analisa as raízes de um fenômeno esportivo que já dura 85 anos, a mais antiga atividade de seu gênero, e seu significado para a identidade e a cultura desse Estado agrícola do Meio Oeste.

No Estado de Iowa, na região central dos Estados Unidos, o basquete das meninas das escolas de ensino médio é coisa séria – muito séria.

O assunto é levado tão a sério que quando o time das meninas de uma cidade como a pequena Rock Valley (com 2.838 habitantes), no extremo noroeste de Iowa, se qualifica para o campeonato estadual, o comércio e as escolas fecham suas portas. Ônibus são fretados e metade da população da cidade se sentará no Auditório do Memorial aos Veteranos de Guerra em Des Moines, a capital do Estado, para ver as meninas correrem na grande quadra.

A viagem de Rock Valley a Des Moines leva quatro horas e meia. Se as meninas vencerem as diversas rodadas e passarem à final do campeonato, sua torcida viajará três vezes para a capital em uma semana. O time da escola venceu três campeonatos estaduais consecutivos entre as pequenas escolas - a competição é dividida em quatro categorias, de acordo com o tamanho das escolas – portanto, os torcedores de Rock Valley já viajaram bastante.

"O dinheiro gasto quando participamos de um torneio estadual é inacreditável", diz o treinador de Rock Valley,

Preston Kooima. "Às vezes penso que deveríamos tentar impor uma legislação fiscal do tipo da 'Sioux County Tax' – que reduz o imposto predial de cidadãos da terceira idade e de portadores de deficiência no condado de Sioux – sobre o dinheiro que nossos torcedores gastam em Des Moines e não em nossa cidade".

Todos querem "ir ao Estadual", como dizem

Washington, uma cidade de 7.047 habitantes, no sudeste de Iowa, venceu três campeonatos seguidos na Categoria 3A de 1999 a 2001. O time era liderado por Stephanie Rich, que atualmente joga pela Universidade de Wisconsin.

Enquanto frequentava o segundo grau em Washington, Stephanie trabalhou como recepcionista em um lar de aposentados na cidade, como parte do programa de treinamento profissional de sua escola. Ela conhecia todos no lar. Em seu último ano do colegial, enquanto se preparava para um jogo do campeonato estadual em Des Moines, Stephanie se surpreendeu ao ver entre a torcida de Washington um mini-ônibus lotado de residentes do lar vestindo camisetas especiais com o nome da instituição "Halcyon House" impresso na frente e, nas costas, a frase "Estamos com Steph!"

A torcida dos times das maiores escolas de Iowa também é grande. Nos últimos sete anos, a torcida de Ankeny, um subúrbio ao norte de Des Moines com 27.117 habitantes, viu a equipe de sua escola de ensino médio vencer quatro campeonatos estaduais pela Categoria 4A. Ankeny mantém o recorde de vendas antecipadas de ingressos por escola para um único jogo do torneio estadual – 1.946

ingressos em 2002; o número não inclui algumas centenas de ingressos que os torcedores de Ankeny provavelmente compraram na porta do ginásio.

OH, QUE ESPETÁCULO!

Cerca de 80 mil pessoas lotam as arquibancadas durante a semana do campeonato, que começa com jogos pela manhã de segunda-feira e termina tarde da noite de sábado. Dez mil torcedores

comparecerão tanto na noite de sexta-feira quanto na de sábado para assistir aos jogos do campeonato de cada uma das quatro categorias. Na maioria desses anos o campeonato estadual feminino levou mais torcedores ao ginásio do que o torneio masculino realizado uma semana depois.

O campeonato feminino em Iowa é um verdadeiro festival, "uma reunião do clã", escreveu certa vez o colunista Donald Kaul no *Des Moines Register*. Os dois senadores pelo Estado de Iowa, o republicano Charles Grassley e o democrata Tom Harkin, quase sempre estarão presentes, bem como um ou dois deputados por Iowa, o governador e outras altas autoridades estaduais.

Uma rede de televisão transmite as finais para todo o Estado e para outros seis Estados vizinhos. Mais de 100 estações de rádio cobrem ao menos um jogo durante a semana do campeonato; às vezes cinco estações chegam a transmitir o mesmo jogo. Algumas delas atualmente transmitem pela internet, assim, os ex-alunos espalhados por todo o mundo podem acompanhar o grande jogo de sua alma mater no torneio estadual.

O campeonato estadual feminino é revestido de uma pompa impressionante. Nas noites de sábado, bandas escolares tocam em todos os jogos, coros cantam o Hino Nacional, times masculinos e femininos treinados para jogos de exibição fazem apresentações de meio tempo, estandartes tremulam em desfiles cívicos. Um grupo de rapazes das escolas de ensino médio dos arredores de Des Moines vestidos de smoking enfileiram-se com vassouras nas mãos, as luzes do ginásio se apagam e os holofotes se acendem sobre eles. Os rapazes varrem a quadra durante os jogos enquanto a banda executa "Satin Doll", um antigo sucesso das coristas dos teatros de revista norte-americanos. As meninas gritam de entusiasmo no meio da multidão.

Grande parte dessa festa foi idealizada por E. Wayne Cooley, hoje com 81 anos, que se aposentou em 2002 após quase 50 anos à frente da União Atlética Feminina das

Escolas de Ensino Médio de Iowa, que regulamenta o esporte feminino no estado.

Cooley e seu chefe de produção, Bob Scarpino, um ex-produtor de televisão, "aprenderam que vender o espetáculo é tão ou mais importante do que vender o produto", como diz Scarpino. Se o jogo não for tão bom, bem, o clima de festa ainda satisfará os torcedores que compraram ingressos.

No campeonato estadual de 2003, do qual participaram 480 jogadoras de 32 times de basquete, o "espetáculo" incluía 2.178 cantores, dançarinos e outros artistas, bem

como fogos de artifício.

Este ano, além disso, terá um telão colorido de 4,6m por 5,8m transmitindo imagens ao vivo dos torcedores e lances do jogo a partir de três câmeras instaladas no ginásio.

UM ELO MARAVILHOSO

Porém, o mais inusitado sobre o basquete feminino em Iowa talvez seja o fato de que os campeonatos

estaduais são disputados há 85 anos. O primeiro deles se realizou em 1920. E, nas duas décadas anteriores, alguns times foram pioneiros em Dubuque, Ottumwa, Muscatine, Davenport e em outras cidades do leste de Iowa.

Em 2002, quando escrevi sobre os esportes femininos nas escolas de ensino médio em Iowa, observei que o basquete serviu como "um maravilhoso tipo de elo unindo várias gerações de mulheres no Estado – bisavós, avós, mães e filhas, todas jogaram, venceram, perderam e aprenderam com isso". Não existe outro Estado em que os jogos e os campeonatos femininos tenham sido organizados em âmbito estadual por quatro gerações, agora indo para cinco. Por que o basquete feminino floresceu tão cedo e com tanto esplendor em Iowa?

A maioria dos que investigaram os primórdios da história do basquete concluiu que os imigrantes que vieram da Europa para se estabelecerem em Iowa eram verdadeiros adeptos do condicionamento físico. As meninas faziam o trabalho árduo nas fazendas ou em empregos relacionados ao início da mineração de carvão no Estado. E era relativamente barato pregar o aro de uma cesta de pesar cereais em uma árvore ou no celeiro e começar um jogo de basquete. Esses jogos se tornaram uma das principais formas de entretenimento das pequenas comunidades distantes que não tinham muito mais a oferecer.

Uma superestrela do basquete feminino em Iowa é às vezes mais famosa do que os melhores jogadores de futebol americano da Universidade de Iowa e da Universidade do Estado de Iowa. Duas superestrelas que marcaram mais de 60 pontos em média por jogo, Lynne Lorenzen, de Ventura, no

final dos anos 1980, e Denise Long, de Whitten, no final da década de 1960, tiveram seus nomes dados a parques de suas pequenas cidades.

"Em Iowa, vestir as cores da sua cidade confere glória para toda a vida", escreveu o correspondente Kevin Cook do *Sports Illustrated*, em 1989, em uma matéria sobre o campeonato estadual de basquete. "Em Iowa, os maridos de meia idade sentam em volta da lareira e relembram as façanhas de suas esposas no basquete durante o período em que cursavam o colegial."

Anos atrás, todas as escolas disputavam o campeonato em uma única categoria e apenas 16 se classificavam para a final estadual conhecida como "Sweet Sixteen". Agora, com o campeonato dividido em quatro categorias, aumentou o número de jogadoras que passam pela experiência do campeonato estadual.

Mas, em Iowa, a maior de todas as mudanças ocorreu em meados de 1980 quando teve início o "jogo com times de cinco jogadoras". Atualmente, essa é a modalidade mais conhecida no mundo, ocupando toda a quadra e com regras muito similares às do basquete masculino.

FIM DOS TIMES DE SEIS JOGADORAS

O basquete feminino que deu reputação a Iowa e arregimentou sua enorme torcida foi o jogo com times de seis jogadoras. Três jogadoras eram "guardas" jogando somente na defesa e permanecendo em uma única metade da quadra. As outras três eram "atacantes", responsáveis pelos arremessos e a marcação de pontos no outro lado da quadra. Os passes eram rápidos, o ritmo podia ser frenético e o placar extraordinário. No maior de todos os jogos femininos disputados em Iowa, o time da Union-Whitten, de Long, venceu o de Everly por 113 a 107 na prorrogação. Isso ocorreu no campeonato estadual de 1968.

Mas o relógio estava correndo, marcando o fim do tão querido jogo de seis jogadoras, a modalidade que se desenvolveu nas pequenas escolas e nas pequenas cidades de Iowa, onde se adaptava tão bem. Enquanto isso, as escolas

maiores do Estado abandonaram o basquete feminino nos anos 1920, quando surgiram argumentos de que era "inadequado" às meninas competir em esportes diante de uma platéia que incluía homens.

Quando o governo promulgou a lei Título IX, que determina oportunidades iguais para atletas de ambos os sexos, essas grandes escolas reintroduziram o esporte feminino, inclusive o basquete. A maioria delas optou pela modalidade de cinco jogadoras. Em 1985, o campeonato estadual contou com duas divisões – uma para os times de cinco jogadoras e a outra para os tradicionais times de seis jogadoras. Mas, o número de escolas que optavam pelo time de cinco foi aumentando, inclusive entre as pequenas e, assim, o último campeonato com equipes de seis jogadoras foi o de 1993.

Troy Dannen, 37, que sucedeu E. Wayne Cooley como diretor da União Feminina, disse que apesar das sutis diferenças entre os jogos de cinco e seis jogadoras, o importante a ser lembrado é que as

meninas sempre "jogaram por suas escolas, suas comunidades e por orgulho". O sucesso de qualquer time esportivo do ensino médio no campeonato estadual "é que eles continuam sendo a vitrine dessas comunidades para todo o Estado", acrescentou Dannen. "Hoje, quando você menciona 'Rock Valley' para alguém em Iowa, as pessoas demonstram que conhecem a cidade por causa do basquete das meninas".

De fato, disse Sonia Remmerde, 47, "acho que os campeonatos colocaram Rock Valley no mapa, o que é divertido". Sonia e seu marido Lyle, 46, são pais de Deb Remmerde, que levou Rock Valley ao recorde de 107 vitórias e somente quatro derrotas nos quatro anos em que jogou. Ela atualmente é caloura na Universidade de Iowa onde continua jogando. Karin, a irmã mais nova de Deb, está na segunda série do ensino médio e espera-se que ela seja outra vez titular do time de Rock Valley este ano.

Quando Paul, filho dos Remmerdes, hoje com 21 anos, começou a jogar basquete no colégio, e com Deb, Karin e a pequena Annie, que hoje tem 13 anos, seguindo os passos do irmão, os Remmerdes decidiram construir uma quadra de primeira linha na metade oeste da oficina de máquinas



O nome do jogo em Iowa é basquete feminino do ensino médio

agrícolas que operam na fazenda. O prédio de aço resplandece em meio a vasta atividade agropecuária que inclui cerca de 3 mil cabeças de gado, 2 mil porcos e 500 acres de milho e soja.

A quadra de 15,25m por 15,25m ostenta duas cestas com tabelas de fibra de vidro, um placar de verdade na parede, iluminação fluorescente e sistema de aquecimento infravermelho. É rara a tarde em que não se veja algumas crianças de Rock Valley – meninos e meninas – fazendo arremessos ou improvisando jogos na "Oficina", como é conhecida por todos na fazenda dos Remmerdes.

O prefeito da cidade, Tom Van Maanen, 35, diz que o basquete "aproxima todos em uma pequena comunidade como esta. O basquete proporciona muita emoção e muito orgulho à comunidade. E, talvez seja um pouco mais importante para nós porque, por muitos anos, nossas meninas não eram realmente jogadoras muito boas".

O treinador Preston Kooima, 34, que dirige Rock Valley há oito anos, disse que o sucesso do time parece ter um impacto positivo em quase tudo na escola.

"Talvez não devesse ser assim, mas é – quando estamos ganhando o sucesso parece se impregnar em todos esses corredores", diz. "Há mais estímulo para tudo. Há mais orgulho. Parece que todos se dedicam mais ao trabalho".

AMIGOS E APRENDIZADO PARA TODA A VIDA

Gert Jonker, 69, prima do treinador Kooima, declara: "joguei basquete por Rock Valley de 1948 a 1951 e no meu último ano na escola se não tivéssemos sido derrotadas na prorrogação teríamos vencido o campeonato estadual".

"Eu disse a Preston que essas meninas que ele está treinando agora serão boas amigas para o resto da vida. Até hoje, tenho uma forte amizade com as companheiras com quem joguei."

Jonker afirma que o basquete "definitivamente cria confiança nas meninas, e muitas delas precisam disso. O basquete as ensina a conviver e a se divertir em grupo. E nos ensina a estabelecer altos padrões pessoais e a ter espírito esportivo. Esses valores serão úteis para qualquer coisa que você faça no futuro". ■

*Chuck Offenburger, ex-colunista do Des Moines Register, atualmente mora em Storm Lake, Iowa, e escreve para o site www.Offenburger.com. Em 2002 escreveu o livro *E. Wayne Cooley and the Iowa Girl: A Celebration of the Nation's Best High School Girls Sports Program*, um registro da história do programa de esportes feminino em Iowa e da vida do executivo que dirigiu o programa por 48 anos. O livro está disponível na União Atlética Feminina das Escolas de Ensino Médio de Iowa e pode ser adquirido pelo site www.ighsau.org*

REFLEXÕES: “BASQUETE” URBANO

John Edgar Wideman

Trecho de Hoop Roots: Basketball, Race and Love

O céu é o limite no basquete
das áreas carentes nos
Estados Unidos



Antes de John Edgar Wideman ficar famoso como autor de ficção e não-ficção e de ter recebido dois prêmios PEN/Faulkner, ele foi uma estrela do basquete na Universidade de Pensilvânia. Hoje é um eminente professor de inglês na Universidade de Massachusetts Amherst. Em um de seus últimos livros, Hoop Roots, Wideman canaliza toda a sua sensibilidade artística para descrever sua experiência de vida em uma área carente da

cidade. Estabelece comparações e contrastes entre as duas paixões fundamentais de sua vida – escrever e jogar basquete. No trecho abaixo, ele se refere à beleza de jogar “hoop”, termo popular para basketball nas quadras urbanas dos Estados Unidos. Wideman pertence à linhagem de autores norte-americanos que usaram o campo ou a quadra esportiva como fonte de aprendizagem e de reflexão sobre o jogo da vida.

Cresci precisando muito do basquete porque minha família era negra e pobre, premida por necessidades materiais que nenhum de nós sabia direito como controlar, e se quisesse alcançar algo mais que a gente negra e pobre que me cercava em Homewood [bairro pobre do centro de Pittsburgh, Pensilvânia], eu teria que me destacar...

Quando era criança, não sei bem se queria que minha vida tivesse algo mais. Que mais era esse. Onde o encontraria. Se cheguei mesmo a me questionar sobre tudo isso. Quando. Como. Por que. Olhando para trás, lembro claramente do amor, do despertar da paixão pelo jogo, mas fora isso não tenho certeza de mais nada. O ato de lembrar, de colocar em palavras o que imagino ver ou que vi, destrói toda e qualquer certeza. O passado se apresenta de forma fluida, mutante, um trabalho em andamento tanto quanto o presente ou o futuro.

Nenhum livro de registro de pontos. Nenhuma testemunha confiável ou testemunhas em excesso. Tempo demais. Tempo de menos. Uma das belezas do basquete nas quadras do bairro é como esse jogo consegue enquadrar e definir momentos de forma rigorosa e implacável. Mas para jogar bem é preciso atenção. Quando você batalha para não sair do jogo, ele o ajuda a permanecer lá. O jogo não alija nenhum dos complexos e sutis mecanismos da mente, ao contrário, todos eles estão lá o tempo inteiro, bem armazenados e centrados no atendimento das complexas demandas do jogo. No calor da partida, você pode até mesmo se imaginar jogando, com uma parte do seu eu observando a outra parte em ação, mas a velocidade do jogo, seu contínuo ir e vir, não permite ao jogador se entregar a essa sensação de fragmentação e auto-reflexão conscientes, sentimento comum, talvez até necessário, para escrever uma autobiografia. Qualquer que seja a vantagem conseguida com esse desdobramento do ser, ela é rapidamente sobrepujada durante o jogo de basquete pela urgente necessidade de ser, de manter um contínuo estado de alerta sobre o que você vivencia como ato de jogar, de transformar a realidade em pura energia para atender às exigências imediatas do jogo. Você é a experiência. Ou ela lhe dá uma pancada no rosto como o passe de um companheiro de time que você não esperava, mas que não era para lhe ter colhido de surpresa.

Escrever uma autobiografia, lembrar, tentar relembrar e criar uma imagem de si mesmo em algum momento do passado, tudo isso faz você jogar muitas partidas ao mesmo tempo. Os "eus" são muitos e muitas são as regras disputando posição. Mas o jogo de basquete é o único a apresentar uma unidade clara e pura. E a quadra de basquete a única a proporcionar uma estrutura, os limites, a brincadeira e o desafio da chamada e da resposta que o obriga a concentrar sua energia infinita em um espaço definido, mas que parece ilimitado. Entrar em uma quadra para jogar, não significa esquecer o passado. Ele vive no Grande Tempo do fluxo do jogo, incorporando o passado, o presente e o futuro, o tempo que passa enquanto você luta para pôr em ação tudo o que aprendeu sobre o jogo, os seus instintos domesticados,

as respostas condicionadas, a experiência acumulada nos muitos anos que jogou e viu esse esporte ser jogado, um passado cuja bagagem perde toda a importância se não for usada instantaneamente. Qualquer reconsideração é inútil.

As oportunidades só aparecem uma vez. E se você pensa no arremesso anterior perdido quando procura acertar o próximo, o mais provável é que falhe novamente. E vai continuar perdendo sem parar, a não ser que a sua cabeça volte a se concentrar no jogo. No que vem depois e depois e depois. O passado é muito importante, embora não no sentido comum. Significa tudo ou nada dependendo de como é usado

e se você é capaz de colocá-lo a seu serviço de forma precisa e implacável, guiado pelo fluir do jogo, pelo momento. Sim. Mais tarde pode até relaxar e avaliar o desempenho, aprender, quem sabe, com os erros cometidos, ou desfiar boas histórias e transformar esses erros em jogos espetaculares, mas nada disso é

**ROMANCISTA RICHARD FORD
O CRONISTA ESPORTIVO, 1986**

"Atletas, de modo geral, são pessoas felizes em deixar que as suas ações falem por eles mesmos, felizes em serem o reflexo do que fazem."

jogar bola.

Se o basquete nas quadras do bairro tem tudo a ver com o perene e único ir e vir, fluir do tempo, sua continuidade sem interrupções, sua densa, absorvente e perpétua presença, a arte de escrever coloca em primeiro plano a separação alienante entre "eus" que competem entre si, concorrentes, geralmente vozes antagônicas no íntimo do escritor, vozes com agendas separadas, vozes que ocupam ilhas de tempo e espaço distintas e intransponíveis. A arte de escrever, independentemente de seguir as convenções e fórmulas tradicionais para determinar a relação entre o escritor e o leitor ou de optar pela experimentação dentro dessas fronteiras, conta com alguma forma de estilo narrativo ou "sucessão de acontecimentos", semelhante ao modo como a ação do jogo se desenrola e consegue manter a atenção de todos durante o tempo de duração da partida. O problema do escritor é ter de criar uma nova história para cada narrativa. Uma história que desperta o interesse de uma pessoa às vezes só provoca bocejos em outra. A composição literária descreve jogos de bola sobre os quais o leitor jamais saberá com certeza se alguém chegou a jogá-los. A única forma de se chegar até eles é por meio da criação do escritor. Você não pode assisti-los ou conhecer o local. O que tem de fazer é apenas aceitar as palavras de alguém como prova de sua existência...

Eis aqui o paradoxo: o basquete dá ao jogador a liberdade de jogar ao colocá-lo em uma verdadeira jaula. Escrever mantém o escritor prisioneiro da ilusão de liberdade. Ao jogar bola, você se submete por um tempo a regras rígidas e arbitrárias, a escolhas delimitadas. Mas uma vez lá dentro, você não dispõe de nenhum roteiro, nenhuma linha narrativa a ser seguida. Escrever leva você a pensar que está fora do tempo, com total liberdade para produzir regras e fazer escolhas, mas à medida que a história se desenrola você fica cada vez mais amarrado de pés e mãos; palavra por palavra, seguindo o roteiro da narrativa. Nenhuma razão lógica para um jogo nas quadras do bairro não poder continuar eternamente. Até certo ponto isso é exatamente o

que o Grande Tempo, o imenso oceano de tempo não linear que tudo abarca, permite que o jogo faça. Uma composição literária na qual falta ao drama um entrecio convincente ou o fim prometido ou implícito pode se sentir sem forma, como se pudesse não ter fim, e provavelmente perde o seu público neste momento.

Felizmente, de forma graciosa, a imprevisibilidade da língua, sua teimosa capacidade de ela mesma servir de referencial, seu misterioso poder de transformar, afirmar a sua vontade não importa o quanto você lute para escravizá-la, dobrá-la, forçá-la a expressar suas ordens, a língua, com seus recursos obscuros, iminentes e dotados de propriedades mágicas emergentes, lembra algumas vezes a liberdade de um jogo de basquete. O escritor tem o exato sentimento do que é ser um jogador quando o agente transmissor é a força dominante, quando suas restrições são também um convite ao imprevisto, ao inesperado, a destinos surpreendentes, a novas aberturas e regiões que oferecem a oportunidade de realizar alguma coisa, de ser alguém, em algum lugar, de algum modo novo....

Depois de tudo que foi dito acima, ainda quero mais da arte de escrever.... Não porque espere mais, eu simplesmente preciso de mais. Desejo compartilhar a emoção experimentada no processo, na invenção, no jogo. (Talvez seja por isso que ensino composição literária.) Preciso mais, da mesma forma que precisava de algo mais quando vivia em Homewood. Deixe-me explicar. O mais sobre o qual estou falando nesse momento não é simplesmente uma fatia adicional de torta ou bolo. Esse buscar mais significa autoconhecimento. Passa pela redefinição da arte que pratico. No presente caso, querer compor e partilhar uma obra escrita que não será considerada um fracasso por não corresponder à idéia que outra pessoa faz de como um livro deveria ser....

Vivemos, mesmo quando temos razões para saber das coisas, profundamente angustiados - estamos condenados porque jamais seremos como essas outras pessoas "brancas", estamos destinados, porque somos quem somos, a nunca ser bons o bastante. Preciso escrever porque esse ato pode expandir a dimensão do que é possível, permitir que me envolva na criação de padrões. No campo que escolhi posso

lutar para realizar o que [ex-estrela do basquete profissional dos EUA] Michael Jordan conquistou no jogo de basquete – tornar-se um modelo para que outros possam avaliar suas reais possibilidades.

Assim, o basquete nas quadras do bairro e a arte de escrever, em suas semelhanças e diferenças, começam exatamente nesse lugar, ou seja, apontam caminhos que eu posso seguir ou não. Buscar qualidades em mim mesmo que valem a pena preservar, alguma coisa que outros possam apreciar e recompensar, qualidades, acima de tudo, com que eu possa contar para provar um ponto de vista para mim mesmo, para que eu possa mudar para melhor ou para pior. O basquete e a arte de escrever me fascinam porque não obstante o número de respostas que eu possa articular, quão exagerada minha planilha estatística possa parecer, eles continuam a levantar as mesmas questões. Alguém se sente em casa nesse lugar. Quem. Se eu me arriscar e expulsar a minha porção boba, será que o contratempo ... valerá a pena. Ou me envergonhar. Me embaraçar. Ou representar. Resplandecer. ■



John Edgar Wideman é o autor de Sent For You Yesterday e Philadelphia Fire, entre outros romances, e vários livros de não-ficção, inclusive um livro de memórias, Acaso Sou o Guarda de Meu Irmão?, e Fatheralong: A Meditation on Fathers and Sons,

Race and Society.

Extraído de Hoop Roots, by John Edgar Wideman.

Copyright © 2001 - John Edgar Wideman. Usado com a permissão de Houghton Mifflin Company. Todos os direitos reservados.

FOME CONTIDA

Tony Baranek

Técnicos e colegas de equipes de duas comunidades nos subúrbios de Chicago adotam medidas para garantir que atletas muçulmanos possam observar o jejum de Ramadã.

Durante as duas últimas temporadas, a equipe de futebol americano da Stagg High School, de Palos Hills, em Illinois, foi ardentemente ovacionada pelos seus fãs agradecidos. Obviamente isso se deve ao fato de o time ter se qualificado por duas vezes seguidas para os campeonatos estaduais e chegar muito perto das finais.

Porém, o técnico Tim McAlpin, que ocupa o cargo há três anos, relata que o comovente mesmo foi a aclamação recebida por parte dos próprios jogadores. O fato ocorreu próximo do fim da temporada normal de 2002, quando a equipe de treino reuniu o time para explicar por que razão as coisas seriam um pouco diferentes durante o treino e antes dos jogos, naquele mês de novembro.

Os membros muçulmanos da equipe Chargers estavam às vésperas de iniciar o jejum anual de Ramadã, período em que agradecem pelas coisas boas de sua vida jejuando durante as horas que vão desde a alvorada até o pôr-do-sol. É um período especialmente desafiador para os muçulmanos que são atletas das escolas de ensino médio, grupo que está se tornando cada vez maior nos Estados Unidos.

As principais partidas e jogos da temporada do final de ano de futebol americano, vôlei feminino, nado feminino e *cross-country* acontecem durante o mês de novembro. Porém, para os atletas muçulmanos, não são servidos almoço ou lanche após o término das aulas. Comparecer aos treinos nesse período significa fazê-lo sem ter ingerido qualquer tipo de alimento por praticamente 10 horas.

McAlpin informou aos jogadores de sua equipe que eles precisariam sacrificar alguns minutos do tempo de treino no final da tarde, quando o sol se põe, para que seus colegas muçulmanos pudessem se alimentar.

“Um técnico auxiliar mostrou-se impressionado com a capacidade [dos jogadores muçulmanos] de jejuar e jogar ao mesmo tempo”, notou McAlpin. “Disse que por ser a religião desses atletas, nós os respeitáramos por sua crença e por fazerem o que precisavam fazer”.

UMA ATMOSFERA FAMILIAR

Qual foi a reação dos outros atletas?

“A equipe inteira aplaudiu em pé os atletas muçulmanos”, diz McAlpin. “Mas esse é o tipo de ambiente familiar que temos na Stagg. Aqui, há pessoas de diversas

culturas, que convivem e trabalham em grupo”.

Em 2002, durante as partidas eliminatórias estaduais, a Stagg chegou às semifinais. Durante toda essa fase, nem uma só vez o bloqueador titular da defesa Ahmad Abdel-Jalil comeu ou bebeu durante as horas entre o amanhecer e o pôr-do-sol. “E em nenhum momento ele esmoreceu; ficou firme e jogou bem”, disse McAlpin maravilhado.

Mahmood

Ghouleh, veterano da

Reavis High School na vizinha Burbank, é recebedor-chave e *strong safety* (o último jogador da defesa no lado forte do ataque) da equipe de futebol americano da escola. Ele diz que seguir o jejum de Ramadã simplesmente faz parte de ser muçulmano.

“É duro, mas você se acostuma”, diz Ghouleh. “É a forma que temos de demonstrar que somos gratos por aquilo que temos, em vez de considerar tudo como de nosso direito”.

Em 2003, o Ramadã teve início em 27 de outubro e prosseguiu até a última semana de novembro. Como sempre, a finalidade era a de ser um período de reflexão em que os



Atletas muçulmanos de escolas de ensino médio terminam o seu dia de jejum no vestiário

muçulmanos comemoram a época em que o Alcorão - o livro sagrado do Islã - foi revelado ao profeta Maomé, no século sete. Durante o Ramadã, os fiéis rezam e se abstêm de comida e bebida desde o amanhecer até a hora em que o sol se põe.

Ghouleh diz que os 10 atletas muçulmanos da equipe de futebol da Reavi estavam firmes em suas crenças e iam continuar a jejuar, independentemente de como a equipe dos Rams se saísse nas finais do campeonato estadual. Essa crença não causa surpresa a Kareem Irfan, presidente do *Council of Islamic Organizations of Greater Chicagoland* (Conselho das Organizações Islâmicas da Grande Chicago).

ROMANCISTA F. SCOTT FITZGERALD O GRANDE GATSBY, 1925

“Dentre diversas realizações, seu marido foi um dos melhores jogadores de ponta do futebol americano de New Haven – uma figura de projeção nacional de certa forma, um daqueles homens que, aos vinte e um anos de idade, atingem um tal nível de excelência que tudo depois deles tem um sabor de anticlímax.”

UM DOS CINCO PILARES

“O jejum é obrigação fundamental para um muçulmano”, diz Irfan. “Jejuar é um dos cinco pilares e você não pode se considerar muçulmano sem observar esse preceito. Os jovens sabem disso e têm consciência de que para fazer jus ao nome de muçulmano têm de cumprir essa prova com convicção”.

“No caso de atletas, ajuda muito também ter bons exemplos em que se inspirar”, continua Irfan. “No passado, tivemos atletas profissionais como Kareem Abdul-Jabbar (jogador de basquete). Akeem Olajuwon [outro astro do basquete] foi um exemplo extraordinário. Ele jogava os jogos [da liga] sem deixar de observar o jejum”.

“Exemplos como esses servem de inspiração. Sei que minha filha (jogadora de basquete de uma escola de ensino médio) se sente estimulada ao ver que jogadores como esses, com esse nível de profissionalismo, ainda observam os princípios do islamismo, jejuam e conseguem manter o nível no esporte”.

Ghouleh é *strong safety* e recebedor-chave sênior, com 1,86 m de altura e 80 quilos. Semanalmente, ele enfrenta muitas horas de jogo nas partidas disputadas pela escola Reavis High. “Mo está indo muito bem [fisicamente]”, diz seu técnico Jim McDonough. “Na verdade, todos os nossos jovens [muçulmanos] parecem estar se saindo muito bem. São jovens resistentes. Além disso, nesta época [quando a temperatura começa a cair], os treinos não exigem tanto dos atletas quanto no início do ano

Ainda assim, o jejum por um período tão longo pode causar complicações tanto para atletas como para as pessoas que não sejam atletas. O mais grave é um encolhimento natural do estômago. “Depois de algum tempo, você deixa de sentir muita fome”, diz Ghouleh. “Você até pode sentir fome, mas assim que começa a comer logo fica satisfeito. Mesmo depois de terminado o período de jejum, leva cerca de um mês para se voltar ao normal”.

UMA REDE DE APOIO

No entanto, diz Irfan, o adolescente muçulmano normal tem todas as condições de enfrentar os rigores do jejum. Ao atingir a idade de aproximadamente oito anos, as crianças muçulmanas começam a jejuar aos poucos, desenvolvendo gradualmente a resistência antes de participar por completo do jejum de Ramadã quando chegam à puberdade.

“E quando praticam esportes”, explica Irfan, “uma rede de apoio se forma ao redor de um muçulmano em jejum. Em casa, os pais dão atenção

especial para garantir que seus filhos estejam recebendo alimentação adequada. Dessa forma, durante as atividades os atletas sabem como se controlar”.

Ghouleh tenta minimizar o efeito do período de jejum com um bom café-da-manhã. “Peço à minha mãe que me acorde antes do nascer do sol”, diz ele. “Ela me acorda antes das quatro da manhã. Costumo comer cereais ou panquecas e volto para a cama até a hora de levantar para ir à escola”.

Soad Halim, jogadora sênior da Stagg e membro da equipe feminina de vôlei, e sua irmã mais nova Sanabel, também costumam fazer uma refeição bem cedo, antes do amanhecer. “Nós também fazemos isso”, diz ela. “Minha mãe prepara um café-da-manhã normal. Comemos e voltamos a dormir. Isso nos ajuda a passar o dia”.

Os técnicos de futebol, como McAlpin da Stagg e McDonough da Reavis, fazem sua parte para respeitar as crenças dos jogadores muçulmanos, fazendo ajustes nas rotinas de treino e anteriores aos jogos.

“Os atletas têm de rezar em determinadas horas”, diz McAlpin. “O que costumamos fazer é nos reunir para o treino enquanto eles se retiram para fazer as preces durante aproximadamente seis minutos. Aguardamos até que terminem e então começamos o treino. Depois, quando o pôr-do-sol já está próximo, eu digo a eles que no momento em que tiverem de parar para comer ou rezar, que parem. ‘Retirem-se e comam ou orem. Isso não altera nada. Nós continuamos e quando vocês terminarem, voltem para onde estavam’. E eles se saíram muito bem fazendo isso por si próprios”.

Ghouleh traz alguma coisa para comer – uma maçã ou um sanduíche – quando vem treinar. Os jogadores começam o treino às 15h15 e treinam até um pouco depois que o sol se põe, quando McDonough apita e leva os jogadores para fora do campo por cerca de 15 minutos.

“Damos um intervalo para toda a equipe. E isso não causa nenhum tipo de problema à equipe”, observa o treinador. “Acho que é uma ótima experiência para que todas as crianças observem o que acontece em outras culturas”.

A treinadora da equipe feminina de vôlei da Stagg, Colleen Hyland, também faz um intervalo durante os treinos, para que as irmãs Halim possam comer alguma coisa ao redor das 17 horas.

“Às vezes, minhas colegas de equipe trazem coisas para mim, como *pretzels* ou sanduíches de manteiga de amendoim”, diz Soad Halim. “Elas dão bastante apoio. Muitas são amigas desde o jardim, por isso sabem tudo sobre o Ramadã. Havia uma garota que, embora não fosse muçulmana, tentou fazer o jejum, mas achou difícil demais. Ela conseguiu fazer durante dois dias!”

REUNIDOS PARA UM BANQUETE

Em meados do segundo semestre de 2003, pela primeira vez desde 1995, a equipe de futebol da Reavis chegou à fase final do campeonato estadual. Se o jogo tivesse sido programado para começar no início da tarde, Ghoulé e seus colegas muçulmanos teriam de jogar sem ter comido nada por mais de sete horas. Da forma que as coisas caminharam, quando começaram a se aquecer às 16h30, eles estavam sem comer ou beber há quase onze horas. Logo após o sol ter se posto, cerca de meia hora mais tarde, o técnico McDonough

interrompeu o treino e o diretor da associação atlética da escola, Tim Smith, reuniu os atletas muçulmanos para uma farta refeição.

“Todos os jogadores [muçulmanos] entraram e comeram. Em seguida, depois de aguardar alguns minutos para digerir o alimento, voltamos para o campo e continuamos o aquecimento para o jogo. Não comemos demais, pois sabíamos que tínhamos um jogo pela frente. Eu comi metade de um sanduíche e deixei a outra metade para depois do jogo”.

Com certeza, ele saboreou a segunda metade do sanduíche – mas não tanto quanto a vitória que garantiu à sua equipe a próxima rodada dos campeonatos. ■

Tony Baranek faz a cobertura dos esportes de escolas de ensino médio para o Daily Southtown, jornal do subúrbio de Tinley Park, próximo a Chicago, Illinois.

Reproduzido com permissão do *Daily Southtown*. Copyright © 2003 Mid-West Suburban Publishing, Inc. Usado com permissão.

ESPORTES E ECONOMIA

Conversa com Andrew Zimbalist

Andrew Zimbalist é professor de economia da Faculdade Smith, Northampton, Massachusetts, e analista de tendências econômicas e questões relacionadas com os esportes dos Estados Unidos. É autor de vários livros sobre economia dos esportes sendo o mais recente *May the Best Man Win: Baseball Economics and Public Policy* (em co-autoria com Bob Costas). Neste diálogo com Michael J. Bandler, articulista do Departamento de Estado, Zimbalist aborda a dinâmica econômica dos esportes dos EUA – sobretudo no campo profissional, mas também no âmbito universitário e da comunidade – colocando os esportes no contexto da economia de modo geral.

P: Dada a importância da livre iniciativa na sociedade norte-americana, qual é a relevância da parcela representada pelo setor de esportes na economia do país?

R: Em primeiro lugar, se você fala das quatro grandes ligas do esporte [profissional] – basquete, futebol americano, beisebol e hóquei – no conjunto, elas provavelmente representam uma receita em torno de US\$ 10 a 15 bilhões em uma economia cuja grandeza se aproxima de US\$ 11 trilhões. Se você começa a acrescentar eventos além dessas quatro – o golfe, a Nascar [corrida automobilística], os esportes universitários – então esses números se duplicam para algo próximo de US\$ 30 bilhões. Assim, qualquer uma dessas cifras representa uma parcela muito pequena no resultado econômico dos Estados Unidos.

P: Fale um pouco sobre o impacto dos esportes nas economias local e regional. De que maneira os esportes têm influenciado o desenvolvimento social nas comunidades?

R: A pesquisa econômica independente, feita para apurar se times e instalações esportivas têm impacto econômico sobre uma localidade, chegou à conclusão uniforme de que não há nenhum impacto positivo. Ter equipes esportivas, um estádio ou ginásio novos não eleva o patamar da renda *per capita* e não aumenta a taxa de emprego. Não há nenhum benefício direto para o desenvolvimento econômico.

P: Mas, nos últimos anos, as cidades ainda vêm preservando o hábito de construir novos estádios e ginásios esportivos

próximos da comunidade e de demolir instalações padronizadas à beira de estradas distantes. Pareceria, aos olhos de um leigo, que há uma relação econômica.

R: Bem, isso pode ocorrer a um leigo; contudo, não é verdade. Pode-se facilmente explicar o interesse em ter times esportivos profissionais como de natureza fundamentalmente sociocultural. Sem dúvida, nos Estados Unidos e em outros países, as pessoas apreciam e amam os esportes. Uma das coisas maravilhosas relacionadas com o fato de uma localidade ter uma equipe esportiva é que isso motiva seus habitantes a se sentir parte de uma comunidade. Atribui-lhe uma identidade. Esse tipo de manifestação de entusiasmo e de unidade é uma faceta da experiência comunitária que não se vê com frequência na sociedade moderna, pulverizada e individualizada por coisas como automóvel e televisão. Tal possibilidade propicia às pessoas uma experiência muito especial – ou no mínimo pode propiciar.

Dizer que os esportes não beneficiam uma economia é diferente de dizer que eles não têm nenhum valor. Com certeza não discuto isso. Os esportes têm, potencialmente, um importante papel a desempenhar, razão pela qual contam com o apoio popular. Outra razão é que há interesses econômicos, interesses particulares específicos que se beneficiam de ter um time ou um estádio novo. Evidentemente, refiro-me às construtoras, aos empreiteiros de modo geral, às empresas de arquitetura, aos bancos de investimento que vendem títulos para financiar novos estádios, aos advogados que trabalham para esses bancos e aos hotéis e restaurantes. E há, claro, o proprietário do time.

As cidades constroem parques e casas de espetáculos – não porque julguem que isso gerará mais renda *per capita*, mas por ser uma forma de enriquecimento sociocultural.

P: A economia dos esportes difere da de outros setores econômicos essenciais na forma como funciona o mercado?

R: Ela é muito diferente. Há uma diferença fundamental – se você avalia os times esportivos. Para que uma liga desportiva de times seja bem-sucedida – e os torcedores internacionais notarão isso prontamente – é preciso que haja uma certa dose de equivalência entre as equipes, uma certa dúvida sobre quem vencerá um jogo específico, um determinado campeonato. Se não houver incerteza, os torcedores perderão o interesse. Isso é diferente de qualquer outro

empreendimento em uma economia capitalista. Não é preciso que a Toyota, a General Motors, a Ford e a Chrysler tenham uma posição de mercado equivalente para se comprar um bom carro. Há necessidade de um certo nível de competitividade, mas isso não significa que se precise de quatro indústrias automobilísticas no mesmo patamar. Não quer dizer que, obrigatoriamente, se necessite de quatro

empresários competir para contratar esses profissionais e veja em quanto os avaliam – e esses serão os salários que esses atletas deveriam receber. Essa forma é correta e boa exceto no caso de uma liga em que os diferentes times supostamente não têm equivalência em sua força competitiva, mas têm equivalência suficiente...



O retorno do beisebol às áreas centrais das cidades: Camden Yards de Baltimore

empresas automobilísticas. Imagino que a Chrysler Corporation ficaria muito feliz se a GM saísse do mercado. No entanto, o New York Yankees não ficaria feliz se o Boston Red Sox ou o New York Mets deixasse o mercado. Os times precisam uns dos outros para atuar. Se os Yankees jogassem partidas entre si o dia todo, os torcedores também perderiam o interesse. Assim, trata-se de um resultado produzido em conjunto. Uma produção conjunta em uma indústria de economia normal seria vista como uma conspiração e seria desaprovada. Portanto, as ligas esportivas têm esse elemento extra.

P: Qual é o impacto sobre o trabalho no setor de esportes?

R: Esta é uma situação interessante: os mercados de trabalho nos Estados Unidos e as constantes oscilações decorrentes de lockouts ou greves. O problema é que os sindicatos querem ter mercados livres, e a melhor forma de determinar quanto Barry Bonds [do San Francisco Giants, o jogador mais conceituado e mais bem pago de 2003] vale ou quanto Michael Jordan [ex-jogador profissional de basquete] valia é deixar que o mercado nos fale. Deixe os diferentes

P:... para produzir impacto ou suspense que provoque interesse.

R: Exatamente. Assim, não se pode ter uma situação na qual um dos times da cidade de Nova York, que se beneficia de um mercado de mídia de 7,4 milhões de famílias, esteja competindo com um time de beisebol ou de basquete de Milwaukee [Wisconsin], com um mercado de mídia de menos de um milhão de famílias ou um time de futebol americano de Green Bay [Wisconsin], com um mercado de mídia de 100 mil famílias. Se você diz “deixe o Milwaukee Brewers e o New York Yankees [times da liga profissional de beisebol] irem ao mesmo mercado de trabalho e competir pela contratação de um jogador” da mesma maneira que a GM e a Ford disputariam a contratação de um executivo, o problema é que se os Yankees contratarem uma estrela para o meio de campo que atinge 40 *home runs* e .320 rebatidas em uma temporada, esse jogador poderá gerar US\$ 20 ou US\$ 30 milhões no mercado de Nova York. Em Milwaukee, esse profissional poderá gerar US\$ 5 ou US\$ 10 milhões.

Desse modo, o que acontecerá é que os grandes times do mercado conseguirão, de forma desproporcional, muito mais dos bons jogadores, e haverá um desequilíbrio entre os times. Isso fomenta divergências quanto ao tipo de mercado de trabalho que de fato se deveria ter. Os sindicatos dos jogadores querem os mercados de trabalho livres, e os proprietários de times dizem que isso não seria bom, que os mercados livres tirariam muitos times do negócio e na verdade prejudicariam a liga, pois deixaria de haver equilíbrio competitivo.

Assim, os donos de times começam a buscar mecanismos para conter os custos, fazer com que todos pratiquem custos similares e possibilitar a existência de alguma paridade entre os times em termos de força competitiva. Fala-se sobre limites [tetos] salariais, impostos sobre bens de luxo ou divisão da renda. Isso é um dilema total, uma tensão geral que existe nas ligas esportivas, mas não existe, de forma semelhante, em outros setores.

P: Em outros países é muito comum que as crianças, depois das aulas, freqüentem clubes para participar de atividades esportivas regulares. Nos Estados Unidos, as escolas de todos os níveis têm equipes esportivas como parte integrante da sua constituição. E as ligas são organizadas segundo a estrutura do sistema do colégio ou da universidade. Nos EUA, as considerações econômicas desempenham algum papel no atletismo das escolas?

R: Essa é uma questão complicada. Um aspecto sobre o qual é interessante falar é a razão que leva as universidades a se envolver tanto em grandes grupos esportivos. Muitas pessoas pensam que esse envolvimento ocorre porque os estabelecimentos de ensino ganham muito dinheiro com esses programas. A verdade é que das 970 universidades, ou algo assim, filiadas à Associação Atlética Universitária Nacional (NCAA), somente 6 – ou talvez 10 – realmente têm superávit em seus programas esportivos. Todos as demais têm déficits em geral consideráveis – vários milhões de dólares. O que move os esportes nas universidades é diferente. Em primeiro lugar há a própria NCAA que, historicamente, tem sido uma associação profissional de diretores e treinadores esportivos. Eles querem que os esportes nas universidades se desenvolvam. Querem novos estádios. Querem que seus times sejam mais competitivos. Mas há também os patrocinadores nas comunidades locais, empresários que contribuem de várias maneiras. Para as universidades, é muito importante manter boas relações com as autoridades da cidade e com outras universidades. Há também os ex-alunos

que têm interesse em acompanhar as universidades por meio de seus times; os estudantes envolvidos nos esportes; e, muito freqüentemente, membros do conselho diretor ou dos legislativos estaduais que querem que os esportes das suas universidades tenham bom desempenho. Portanto, há toda uma cultura de competição que envolve o empenho nos esportes. Isso é diferente de dizer que há algum tipo de plano elaborado para gerar receita.

Quando você pára para pensar nos programas de esportes universitários, percebe que não são empresas

privadas com acionistas que exigem dividendos anuais e aumento das ações; querem ganhos de capital. Se você não tem uma clientela externa que exige retorno econômico –, bem, se um diretor esportivo está na presidência de um time bem-sucedido e sente que pode conseguir uns quatro milhões de dólares extras com a participação de sua equipe em campeonatos, ele diz imediatamente:

“Esta é uma boa

oportunidade para construir uma nova área de treinamento, um novo centro de condicionamento físico, uma nova sala de instrutores ou para desembolsar mais dinheiro em recrutamento”.

P: Tem havido incentivo econômico ao desenvolvimento embrionário dos esportes mais novos – vôlei de praia, softbol feminino, esportes radicais e vários desses que atualmente vemos surgir na televisão dos EUA?

R: Isso está mais relacionado com a revolução das telecomunicações e o surgimento do cabo digital – a capacidade tecnológica de colocar 50, 100, 200, 300 canais na TV. Cada um desses canais precisa preencher o tempo. Essas diferentes atividades geram muito pouca receita.

P: Não temos ministro de esportes no país, nenhuma dotação para os esportes como temos para as artes e as ciências humanas. Quais são os prós e os contra dos subsídios do governo aos esportes e em que proporção vemos isso no país?

R: Bem, há muitos subsídios e preferências tributárias. No âmbito local, há financiamentos para empreendimentos como estádios. Na esfera nacional temos isenções tributárias para localidades e municípios quando vendem títulos para a construção de estádios. Nos esportes universitários, há vários tipos de programas de bolsas de estudos que vão direta ou indiretamente para atletas. Isso também envolve o dinheiro público. Mas um ministério no controle, como existe em outras partes do mundo, não temos. Na minha opinião, não é de todo má idéia pensar na criação de um ministério. Não é

**ROMANCISTA JOHN UPDIKE
ARTIGO DA REVISTA NEW YORKER, 1960**

" O Fenway Park, em Boston, é um pequeno estádio de beisebol repleto de lirismo. Tudo é pintado de verde... em nítido destaque, e sua configuração chega a lembrar o interior de um ovo de Páscoa antigo visto através de uma lente. Construído em 1912 e reformado em 1934, oferece, como a maioria dos artefatos de Boston, uma combinação conciliatória entre as determinações euclidianas do homem e as irregularidades charmosas da natureza. "

má idéia pensar em regras que sejam implantadas por observadores imparciais e não por pessoas eventualmente afetadas por elas. Há inúmeras justificativas relevantes para uma certa supervisão pública, penso eu, porém a ideologia nos Estados Unidos não é muito propensa a esse tipo de atividade.

P: Quais são os lados negativos de um controle governamental?

R: Certamente, ao acrescentar o governo à equação, sempre é possível que a medida convide a algumas formas de corrupção e de infração – por exemplo, os regulamentados

tornarem-se os regulamentadores – e nada realmente efetivo seria feito. Mas isso não precisa acontecer necessariamente.

P: Resumindo, os esportes contribuem para se ter comunidades economicamente mais saudáveis, mais viáveis?

R: Não acredito que os esportes contribuam para a viabilidade econômica de uma comunidade. Eles propiciam uma forma de entretenimento, engajamento e identidade comunitária, e isso pode ser muito positivo. ■

CINQUENTA ANOS, CINQUENTA ESTADOS

A lista de atividades e eventos esportivos nos Estados Unidos é extensa, algo que uma renomada revista está agora no processo de retratar.

A revista semanal líder do segmento de esportes, *Sports Illustrated*, comemora seu 50º aniversário destacando a cada semana aspectos do esporte em cada um dos 50 Estados americanos.

"Tivemos o raro privilégio de documentar o esporte na América do Norte nos últimos 50 anos e nosso aniversário nos dá a oportunidade de comemorar a força do esporte em

Em Maryland, todo mês de agosto, mais de 1000 jogadores, de adolescentes a sessentões competem no *Ocean City Lacrosse Classic*. O lacrosse, esporte pouco praticado em outras regiões dos Estados Unidos, é uma das principais obsessões do Estado "A idéia é que as crianças brinquem de receptores antes que larguem os cueiros," disse um participante, Casey Connor.



O Soap Box Derby anual, em Akron, Ohio

nosso país," explicou o presidente da *Sports Illustrated*, Bruce Hallett.

A série de artigos começou em julho último e terminará em julho de 2004. Em seu conjunto, as reportagens apresentarão um panorama abrangente e divertido de como os americanos jogam pelo prazer e pela glória. Veja o resumo das coberturas até o momento:

No Texas, no outono, o jogo de futebol às sextas-feiras à noite nas escolas de ensino médio é uma tradição. Como revelado certa vez à *Sports Illustrated* pelo técnico de futebol universitário Fred Akers, "o fenômeno é difícil de explicar, mas está em nosso sangue." Chega a 10% a porcentagem do corpo discente das escolas de ensino médio que participa dos programas de futebol.

Em Moab, Utah – uma cidade de 4.800 habitantes, famosa como cenário de filmes de Hollywood como *Forrest Gump* e *Telma e Louise* – atraindo em outubro praticantes de *mountain bike* de todo o país para um evento de revezamento de equipes altamente popular. E New River Gorge, no interior do Estado da Virgínia do Oeste, conhecida – como observa a *Sports Illustrated* – como "Oeste do Leste", é considerada uma das mais atraentes áreas da América para fanáticos dos esportes de aventura – alpinistas, *rafters* e ciclistas. Escrevendo sobre a pequena comunidade de Fayetteville, Chris Ballard disse: "adeptos das escaladas e da canoagem encravam-se na velha cidadezinha mineira como pregos na rocha.

A Virgínia, absorvida pelo futebol no outono, volta sua atenção todo mês de maio para duas importantes corridas de

cavalos com obstáculos, a *Virginia Gold Cup* e a *International Gold Cup*. A região serrana do Estado, onde batalhas grandiosas foram travadas durante a Guerra Revolucionária e a Guerra Civil, é popularmente conhecida como “*horse country*” e rica em linhagens de puro-sangue. As corridas de cavalos com obstáculos são a principal marca do cenário esportivo da Virgínia desde o século 18.

O Estado de Ohio é o anfitrião do que o cronista Frank Lidz da *Sports Illustrated* chama de “o pequeno mundo das corridas de carrinhos”, o *All-American Soap Box Derby* na cidade de Akron. Por um breve momento, a cada ano, a corrida transforma o Estado no “centro do universo esportivo”, nas palavras de Lidz. O evento, que se iniciou durante a época da Depressão, reúne centenas de garotos e garotas de 8 a 17 anos que competem numa pista em descida de 300 metros em reluzentes carros de fibra de vidro sem motor, que atingem, com o auxílio da gravidade, uma velocidade aproximada de 50 quilômetros por hora. Os competidores chegam à final após vencerem provas locais realizadas nas comunidades de todo o país, o quê, nas palavras de um corredor de 11 anos de idade em Akron, significa “somos todos campeões”.

Inquestionavelmente o evento esportivo mais atraente do Estado da Pensilvânia, que ocorre em agosto há 65 anos, é o *Little League World Series*, um torneio de 10 dias que faz a fama da cidade de Williamsport. Agora televisionado para o mundo todo e patrocinado por grandes empresas, é o segmento principal do maior programa de esportes para jovens do mundo. O campeonato de beisebol envolve perto de três milhões de participantes em mais de 100 países, com idades entre 5 e 18 anos. O público presente nos jogos chega a 70 mil torcedores, jovens e velhos.

À euforia do campeonato adiciona-se o benefício do contato entre pares de uma grande variedade de países. “Aprendi uma palavra para “Oi!”, disse um jovem atleta, “mas não tenho certeza se é em chinês ou japonês!”

Todos os anos, durante a última semana de julho, Cheyenne, no Estado de Wyoming revive uma tradição centenária com os *Frontier Days*, o maior rodeio ao ar livre do mundo. Mais de 10 mil pessoas assistem à competição de peões de touro e cavalo, entre outros eventos. E - como é comum em tantas outras provas esportivas promovidas por uma localidade ou região dos Estados Unidos - perto de

2.500 voluntários de Cheyenne e áreas circunvizinhas ajudam na organização dos desfiles, café da manhã com panquecas, eventos culturais e na montagem da réplica de uma cidade do Velho Oeste, tudo para animar o festival e lançar um olhar nostálgico no passado da região.

A série de aniversário da *Sports Illustrated*

ênfatisa, no mínimo, a rica diversidade de esportes e como são cultuados nos Estados Unidos. A lista - de campeonatos de surfe no Havaí e na Califórnia a corridas de automóveis NASCAR na Carolina do Sul e na Flórida - parece não ter limites.

Se há uma localidade que tenta reunir tudo isso, é a Colúmbia, no Missouri, uma cidade universitária que a cada verão promove o que é conhecido como o *Show-Me State Games* (*Show-Me State* é o apelido do Estado de Missouri). Durante algumas semanas, cerca de 30 mil atletas participam de quase trinta modalidades esportivas que variam do basquete, futebol e atletismo a minigolfe e pingue-pongue. Entre os participantes no ano passado estiveram um jogador de boliche de 87 anos, um competidor cego de luta greco-romana de 14 e um velocista de três anos de idade.

“Nossa missão,” disse o diretor Ken Ash a Kelly King da *Sports Illustrated*, “é conseguir o maior número possível de gente do Missouri para participar de atividades que promovem a saúde e o condicionamento físico.”

Esse parece um objetivo válido para qualquer comunidade do mundo. ■

**POETA WALT WHITMAN
WITH WHITMAN IN CAMDEN, HORACE TRAUBEL, 1906**

“Bom, [beisebol] é o nosso jogo; isso é fato consumado. O jogo dos Estados Unidos possui o sabor, o vigor e o senso de aventura da atmosfera norte-americana - pertence tanto às nossas instituições e a elas se encaixa de maneira tão significativa quanto nossas constituições, leis; é tão importante quanto a soma de nossa história de vida”.

EM NÚMEROS

Dados estatísticos do cenário esportivo norte-americano



- | | |
|---|--|
| <p>1. População dos Estados Unidos em 1º de dezembro de 2003: 292,7 milhões</p> <p>2. Número de norte-americanos que assistiram ao campeonato de futebol americano profissional Super Bowl 2003 pela televisão: 137,7 milhões</p> <p>3. Número de torcedores que assistiram à corrida automobilística Nascar: 75 milhões</p> <p>4. Número de norte-americanos que jogaram golfe em 2000: 26,7 milhões</p> <p>5. Número de norte-americanos que jogaram tênis em 2000: 20 milhões</p> <p>6. Número de quilômetros que os competidores nadam, pedalam e correm, respectivamente, no Ironman Triathlon: 4,2, 180,2 e 42,2</p> <p>7. Porcentagem de jogadores estrangeiros na Liga Profissional de Beisebol em 2002: 25</p> <p>8. Porcentagem de jogadores estrangeiros na Associação Nacional de Basquete (NBA) na temporada de 2000-01: 14</p> <p>9. Porcentagem de jogadores estrangeiros na Liga Profissional de Futebol em 2002: 38</p> <p>10. Número de mulheres que jogavam em equipes esportivas universitárias em 1971-72: 29.992</p> <p>11. Número de mulheres que jogavam em equipes esportivas universitárias em 2000-01: 150.916</p> | <p>12. Número de estudantes atletas estrangeiros em times de basquete universitários em 1993: 135</p> <p>13. Número de estudantes atletas estrangeiros em times de basquete universitários em 2002: 366</p> <p>14. Coeficiente de moças estudantes do ensino médio que participavam de esportes escolares em 1972: 1 em 27</p> <p>15. Coeficiente de moças estudantes do ensino médio que participavam de esportes escolares em 2002: 1 em 3</p> <p>16. Número de técnicos voluntários de esportes para a juventude certificados pela Associação Nacional de Técnicos de Esportes para Jovens: 1,3 milhão</p> <p>17. Número de jovens com menos de 19 anos registrados para jogar futebol em 1980: 888.705</p> <p>18. Número de jovens com menos de 19 anos registrados para jogar futebol em 2001: 3,9 milhões</p> <p>19. Número de mulheres em posições gerenciais na Associação Nacional de Basquete em 1995: 151</p> <p>20. Número de mulheres em posições gerenciais na Associação Nacional de Basquete em 2002: 259</p> <p>21. Número de atletas cegos e deficientes visuais treinados pela Associação dos Atletas Cegos dos Estados Unidos: 3 mil</p> <p>22. Número de atletas deficientes físicos que participaram de esportes paraolímpicos desde 1996: 5 mil</p> |
|---|--|

23. Salário médio anual de um jogador na Associação Nacional de Basquete: US\$ 4,5 milhões	28. Salário médio anual de um médico de família nos Estados Unidos em 2002: US\$ 136.260
24. O mais alto salário anual do astro do basquete Michael Jordan (temporada de 1997-98 no Chicago Bulls): US\$ 33 milhões	29. Custo médio de construção de um estádio nos anos 1950: US\$ 3,8 milhões
25. Renda familiar média nos Estados Unidos em 2002: US\$ 42.409	30. Custo médio de construção de um estádio nos anos 1990: US\$ 200 milhões
26. Salário médio anual de um professor do ensino médio nos Estados Unidos em 2002: US\$ 46.010	31. Valor estimado da franquia de beisebol do New York Yankees: US\$ 849 milhões
27. Salário médio anual de um advogado nos Estados Unidos em 2002: US\$ 105.890	

FONTES DE “EM NÚMEROS”

1 Escritório do Censo dos EUA: <http://www.census.gov/main/www/popclock.html>; **2** CNN/Sports Illustrated: http://www.cnn.com/football/2003/playoffs/news/2003/01/27/superbowl_ratings_ap/; **3** Los Angeles Times, 8 de dezembro de 2003; **4, 5** Escritório do Censo dos EUA, Resumo Estatístico dos Estados Unidos, 2002, Tabela 1225: <http://www.census.gov/prod/2003pubs/02statab/arts.pdf>;

6 USA Triathlon: http://www.usatriathlon.org/News_Info/news_history_frames.htm; **7-9** Instituto para a Diversidade e a Ética nos Esportes, Universidade da Flórida Central, Histórico de Desempenho por Raça e Gênero 2003 http://www.bus.ucf.edu/sport/public/downloads/media/ides/release_report.pdf; **10, 11** The Chronicle of Higher Education, 21 de junho de 2002; **12, 13** USA Today, 11 de julho de 2002; **14, 15** Associação Nacional de Meninas e Mulheres nos Esportes, 23 de junho de 2002: <http://www.aahperd.org/nagws/>; **16** Associação Nacional de Técnicos de Esportes para Jovens: <http://www.nays.org/about/index.cfm> ; **17, 18** Fundação Americana de Futebol: <http://www.sgma.com/reports/data/2002/soccerintheusa2002.pdf>; **19, 20** Instituto para a Diversidade e a Ética nos Esportes, Universidade da Flórida Central, Histórico de Desempenho por Raça e Gênero: http://www.bus.ucf.edu/sport/public/downloads/media/ides/release_report.pdf; **21** Associação dos Atletas Cegos dos Estados Unidos (USABA): <http://www.usaba.org>; **22** Escritório de Comunicações do Comitê Paraolímpico dos Estados Unidos: <http://www.usparalympics.org/>; **23** USA Today, 18 de março de 2003: <http://www.usatoday.com/sports/basketball/nba/2002-2003-nba-salaries-numbers.htm>; **24** New York Times, 19 de Janeiro de 2000; **25** Escritório do Censo dos EUA, Relatórios sobre a População Atual: Renda nos Estados Unidos: 2002: <http://www.census.gov/prod/2003pubs/p60-221.pdf>; **26-28** Escritório de Estatísticas do Trabalho dos EUA, Pesquisa Estatística sobre Emprego por Ocupação, 2002, Tabela 1: <http://www.bls.gov/news.release/ocwage.t01.htm>; **29-30** Journal of Economic Perspectives, terceiro trimestre de 2000; **31** Forbes.com: http://www.forbes.com/free_forbes/2003/0428/0624tab2.html.

TALENTO E SABEDORIA

Observações de pessoas ligadas aos esportes

"Porque quando o Grande Árbitro chega para anotar os pontos ao lado do seu nome, ele vai marcar não o que você ganhou ou perdeu, mas como disputou a partida."

Grantland Rice (1880-1954), cronista esportivo

"Perdi mais de 9.000 lances na minha carreira.

Perdi quase 300 jogos.

Fui escalado vinte e seis vezes para fazer o ponto da vitória e falhei.

Falhei repetidamente na minha vida.

E por isso tive sucesso."

Michael Jordan (nascido em 1963), ex-jogador profissional de basquete

"Vencer é um hábito. Infelizmente perder também é."

Vince Lombardi (1913-1970), técnico de futebol americano profissional

"Os campeões treinam sem parar até acertarem."

Billie Jean King (nascida em 1943), tenista profissional

"[Beisebol] foi criado para mexer com suas emoções. O jogo começa na primavera, quando tudo renasce, floresce no verão, permeando tardes e noites, e então, de repente, com o frescor da chuva que chega, ele pára, deixando-o sozinho para encarar o outono."

A. Bartlett Giamatti (1938-1989), acadêmico, presidente da Universidade de Yale e membro da comissão da Liga Profissional de Beisebol

"Metade deste jogo é 90% mental."

Yogi Berra (nascido em 1925), ex-receptor do New York Yankees e membro do Hall da Fama do Beisebol, famoso por suas impropriedades lingüísticas

"Uma vida inteira de treinamento para meros dez segundos."

Jesse Owens (1913-1980), atleta e medalha de ouro nas Olimpíadas

"Esportes não constroem o caráter. Eles o revelam."

Freqüentemente atribuído a John Wooden (nascido em 1910), técnico de basquete universitário, e Heywood Hale Broun (1918-2001), jornalista e escritor

"Quando ganhar, não diga nada. Quando perder, diga menos ainda."

Paul Brown (1908-1991), técnico de futebol americano profissional

"O início de um evento de *cross country* é como cavalgar em meio a uma manada de búfalos em disparada. É eletrizante se você acompanhar o ritmo, mas basta um desliz e tudo o que sobrar de você serão as suas pegadas."

Ed Eyestone (nascido em 1962), maratonista

"Você falha em 100% dos lances nunca tentados."

Wayne Gretzky (nascido em 1961), ex-jogador profissional de hóquei

"A vontade de ganhar é importante mas a vontade de se preparar é vital."

Joe Paterno (nascido em 1926), técnico de futebol americano universitário

"Quando eu era pequeno, no Kansas, fui pescar com um amigo. Disse a ele que queria ser jogador de verdade da Liga Profissional de Beisebol, um autêntico profissional como o Honus Wagner. Meu amigo respondeu que ele gostaria de ser o presidente dos Estados Unidos. Nenhum dos nossos desejos se realizou."

Dwight D. Eisenhower (1890-1969), presidente dos EUA., 1953-1961

O ESPORTE NO CINEMA

Alguns cineastas tiveram a inspiração de mostrar nas telas os desafios e a euforia dos esportes, como também as façanhas de seus praticantes. A lista dos filmes do gênero é extensa. Seguem-se alguns dos filmes mais populares e aclamados pela crítica.

A Última Batalha de um Jogador (Bang the Drum Slowly, Classificação*: PG, 1973)
Com: Michael Moriarty e Robert De Niro
Diretor: John D. Hancock

O principal arremessador de um time profissional de beisebol de Nova York está determinado a tornar a temporada inesquecível para seu grande amigo, o excêntrico receptor da equipe, que descobriu ser um doente terminal. Baseado no romance homônimo de autoria de Mark Harris, que também escreveu o roteiro.

The Bingo Long Traveling All-Stars and Motor Kings (PG, 1976)
Com: Billy Dee Williams, James Earl Jones e Richard Pryor
Diretor: John Badham

Ambientado no final dos anos 1930, durante o período de decadência da Liga de Beisebol Negra, o filme mostra como Bingo Long, o carismático líder da equipe, em um rasgo de rebeldia contra o domínio dos cartolas da liga, leva seu time de jogadores afro-americanos para uma excursão pelo país. Baseado no romance homônimo de William Brashler.

Correndo pela Vitória (Breaking Away, PG, 1979)
Com: Dennis Christopher, Dennis Quaid e Daniel Stern
Diretor: Peter Yates

Um jovem de Indiana, apaixonado por corrida de bicicletas, pela equipe de corredores Cinzano da Itália e por tudo que é italiano, reúne três amigos para competir com alunos da Universidade de Indiana em uma corrida anual de bicicletas. Baseado no romance de mesmo nome de Steve Tesich, que também escreveu o roteiro

Brian's Song (G, 1971)
Com: James Caan, Billy Dee Williams e Jack Warden
Diretor: Buzz Kulik

O filme se baseia na amizade na vida real de Brian Piccolo e Gale Sayers, colegas do mesmo time profissional de futebol americano, e o vínculo criado entre os dois quando Piccolo estava morrendo de câncer.

A Cor do Dinheiro (The Color of Money, R, 1986)
Com: Paul Newman e Tom Cruise
Diretor: Martin Scorsese

Nessa sequência de O Jogador (The Hustler), Newman interpreta o jogador de sinuca "Fast" Eddie Felson e Cruise seu jovem e talentoso protegido, a quem Fast Eddie usa para voltar a jogar novamente. Newman ganhou o Oscar de melhor ator por este filme, considerado uma obra-prima que combina a engenhosidade de Scorsese para música e movimentos de câmera com o jogo de sinuca. Baseado no romance homônimo de Walter Tevis.

Os Amantes do Perigo (Downhill Racer) (M/PG, 1969)
Com: Robert Redford e Gene Hackman
Diretor: Michael Ritchie

Fugindo de seus papéis costumeiros, Robert Redford encarna um atleta ambicioso e muito egoísta, que integra a equipe de esqui dos EUA na categoria "downhill" e entra em conflito com o técnico (Hackman). Baseado no romance de mesmo nome de Oakley Hall.

Endless Summer (sem classificação, 1966)
Com: Mike Hynson e Robert August
Diretor: Bruce Brown

Descrito nas resenhas como "o filme definitivo sobre surfe", esse documentário segue dois jovens surfistas pelo mundo, em busca da onda perfeita.

Campo dos Sonhos (Field of Dreams, PG, 1989)
Com: Kevin Costner, James Earl Jones e Burt Lancaster
Diretor: Phil Alden Robinson

Nessa visão evocativa da cultura norte-americana, Costner vive um fazendeiro de Iowa que ouve vozes dizendo que ele deveria construir um campo de beisebol em sua plantação de milho. Após a construção, começam a aparecer os fantasmas de jogadores profissionais que caíram em desgraça, juntamente com o falecido pai do fazendeiro, provando que o beisebol pode unir as pessoas – mesmo depois da morte. Baseado no livro Shoeless Joe de W.P. Kinsella.

Basquete Blues (Hoop Dreams, PG-13, 1994)
Com: William Gates, Arthur Agee e Emma Gates
Diretor: Steve James

Nesse documentário de três horas de duração, dois talentosos adolescentes afro-americanos de um gueto de Chicago lutam para participar do time de basquete de uma faculdade, em preparação para o ansiado sucesso como profissionais.

Momentos Decisivos (Hoosiers, PG, 1986)
Com: Gene Hackman, Barbara Hershey e Dennis Hopper
Diretor: David Anspaugh

Baseado na história real de um time de basquete de colégio de uma cidadezinha de Indiana que conseguiu chegar às finais do campeonato estadual em 1954, esse filme retrata Hackman como um técnico de mentalidade independente que se alia ao bêbado da cidade para levar o time à vitória.

O Jogador (The Hustler, sem classificação, 1961)
Com: Paul Newman, Jackie Gleason e Piper Laurie
Diretor: Robert Rossen

Os fãs de Newman amam seu "Fast" Eddie Felson, um jogador de sinuca facassado, mas talentoso e convencido, com atitudes autodestrutivas. Ele desafia "Minnesota Fats" (Gleason) pelo título mundial e cai de amores pela alcoólatra carente Sarah (Laurie). Baseado no romance de igual nome de Walter Tevis.

Uma Equipe Muito Especial (A League of Their Own, PG, 1992)
Com: Tom Hanks, Geena Davis, Lori Petty e Madonna
Diretor: Penny Marshall

Essa comédia traz à tona um capítulo pouco conhecido da história do esporte dos Estados Unidos. Durante a Segunda Guerra Mundial, com a maioria dos jogadores servindo nas Forças Armadas, os proprietários de times formaram a liga de beisebol feminino All American Girls Baseball League. Davis e Petty vivem irmãs que entram no Rockford Peaches, um time de Illinois, e Hanks é o técnico.

A Mocidade é Assim Mesmo (National Velvet, sem classificação, 1944)
Com: Elizabeth Taylor, Mickey Rooney, Donald Crisp
Diretor: Clarence Brown

No filme que a tornou uma estrela, Elizabeth Taylor protagoniza uma menina de 12 anos, cujo sonho de inscrever seu cavalo na corrida Grand National da Grã Bretanha se realiza quando sua mãe lhe dá 100 peças de ouro que ganhou por atravessar o Canal da Mancha quando criança. Baseado no romance homônimo de Enid Bagnold.

Um Homem Fora de Série (The Natural, PG, 1984)
Com: Robert Redford, Robert Duvall e Glenn Close
Diretor: Barry Levinson

Nesse conto da época da Depressão, Redford interpreta o rebatedor de meia-idade Roy Hobbs, que retorna após anos de ostracismo com o taco que moldou de um carvalho caído quando tinha 14 anos, para levar um time perdedor à liderança da liga. Baseado no romance homônimo de Bernard Malamud.

Ídolo, Amante e Herói (Pride of the Yankees, sem classificação, 1942)
Com: Gary Cooper, Teresa Wright e Babe Ruth (interpretando ele mesmo)
Diretor: Sam Wood

Indicado para 11 Oscar, esse clássico trouxe para a tela a história da vida de Lou Gehrig, famoso jogador do New York Yankees e ídolo do beisebol nos EUA nos anos 1920 e 1930.

Duelo de Titãs (Remember the Titans, PG, 2000)
Com: Denzel Washington, Will Patton e Wood Harris
Diretor: Boaz Yakin

Ambientado na Virgínia em 1971, logo após a integração racial das escolas do Sul dos EUA, conta a história real de um técnico afro-americano indicado para dirigir um time de colégio, enquanto seu antecessor, um branco, fica como seu assistente.

Réquiem para um Lutador (Requiem for a Heavyweight, sem classificação, 1962)
Com: Anthony Quinn, Jackie Gleason, Julie Harris e Mickey Rooney
Diretor: Ralph Nelson

Considerado um dos melhores filmes de boxe já feito, conta a triste história de um lutador com problema cerebral, que sofre por causa dos muitos anos no ringue, sendo sempre forçado a lutar por seu empresário corrupto (Gleason). O boxeador falido (Quinn) se apaixona por uma tímida assistente social (Harris), enquanto Gleason dribla seus credores.

Rocky, um Lutador (Rocky, PG, 1976)
Com: Sylvester Stallone, Talia Shire, Carl Weathers e Burgess Meredith
Diretor: John G. Avildsen

Ganhador do Oscar de melhor filme e melhor diretor, esse filme continua a ser uma ode aos excluídos. Stallone, que escreveu o roteiro, vive Rocky Balboa, um lutador amador pobre, que tem a chance de enfrentar o campeão mundial devido à sua perseverança e determinação.

Seabiscuit – Alma de Herói (Seabiscuit, PG-13, 2003)
Com: Jeff Bridges e Chris Cooper
Diretor: Gary Ross
Roteiro: Gary Ross

Esse filme é baseado no best-seller de não-ficção do mesmo nome, de autoria de Laura Hillenbrand. Conta a história de Seabiscuit, o cavalo puro-sangue azarão que sai da "rabeira" de uma corrida após a outra no final dos anos 1930 para conquistar os corações nos EUA premido pela Depressão.

Prova de Fogo (Without Limits, PG-13, 1998)
Com: Billy Crudup e Donald Sutherland
Diretor: Robert Towne

Billy Crudup vive Steve Prefontaine ou "Pre," um corredor da Universidade de Oregon nos anos 1960 e principal corredor norte-americano às vésperas das Olimpíadas de Munique em 1972. Morreu em um acidente automobilístico aos 24 anos de idade.

***O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DE FILMES DOS EUA**

Incluimos a classificação de cada filme da lista — por exemplo, PG ou PG-13 — antes do ano de lançamento do filme. O sistema de classificação de filmes é um sistema voluntário patrocinado pela Associação de Cinema dos Estados Unidos e Associação Nacional dos Proprietários de Salas de Cinema para proporcionar aos pais informação prévia sobre os filmes, permitindo-lhes julgar o que é permitido ou não a seus filhos. O sistema de

classificação começou em 1968, de modo que os filmes que surgiram antes daquele ano não tinham classificação.

O conselho de classificação utiliza os critérios que os pais utilizariam para decidir o que é adequado para seus filhos. Tema, linguagem, violência, nudez, sexo e uso de drogas são algumas das áreas de conteúdos consideradas no processo de decisão.

As classificações atuais são:

(G) Censura livre — Para todas as idades. Isso significa que o filme não contém nada que os pais pudessem considerar ofensivo mesmo para crianças muito pequenas.

(PG) Orientação dos pais sugerida — Alguns materiais podem não ser adequados para crianças. Isso significa que o filme pode conter algum material que os pais não desejam que seja exposto a crianças pequenas.

(PG-13) Pais fortemente alertados — Alguns materiais podem não ser apropriados para crianças menores de 13 anos. Os pais devem ter especial cuidado em deixar as crianças pequenas assistirem. Não há violência bruta ou persistente; nudez de caráter sexual está ausente; algumas cenas de uso de drogas podem ser vistas; pode haver uso de palavras duras de caráter sexual como expletivos.

(R) Restrito — Exige acompanhamento dos pais ou adulto responsável para menores de 17 anos. Isso significa que o conselho de classificação concluiu que o filme contém algum material adulto. O filme recebe o R devido, entre outras coisas, ao uso da linguagem, tema, violência, sexo ou uso de drogas.

(NC-17) Não permitido para menores de 17 anos — Isso significa que o conselho de classificação acredita que a maior parte dos pais norte-americanos considerariam o filme adulto e que as crianças de 17 anos ou menos não deveriam assisti-lo.

FONTE: ADMINISTRAÇÃO DE CLASSIFICAÇÃO DE ESPETÁCULOS

A LINGUAGEM DOS ESPORTES

Muitos termos e expressões dos esportes passaram a integrar a linguagem padrão dos norte-americanos. Alguns dos exemplos a seguir são tão comuns que mesmo o falante nativo já não se lembra de sua origem ligada a jogo ou competição.



EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS GENÉRICAS:

Catch it—meter-se em confusão e receber castigo; entender
"Vamos entender se ela voltar cedo para o escritório."

Play ball—cooperar com alguém
"Logo que as duas partes assinarem o contrato, poderemos começar a cooperar."

The way the ball bounces—sorte, inevitabilidade, destino; acaso
"Vai depender da sorte, a aceitação ou não de seu pedido de emprego."

Sporting chance—possibilidade razoavelmente grande
"Achamos que tínhamos uma possibilidade razoavelmente grande quando a outra empresa retirou sua oferta."

Whole new ball game—novo conjunto de circunstâncias
"Conseguimos nos situar em Washington, D.C., sem nos perder, mas na cidade de Nova York a coisa muda de figura."

Ballpark figure—estimativa
"Agora precisamos de uma estimativa. Mais tarde, da exatidão."

Have the ball in someone's court—ter de dar uma resposta ou tomar providência
"Fizemos nossa proposta; portanto agora é com eles."

Bench—retirar alguém; interromper a participação de alguém

"O diretor da peça afastou a atriz principal porque sempre se atrasava para os ensaios."

On the ball—bem informado; competente; atento
"Se estivéssemos atentos, as contas teriam sido pagas pontualmente."

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DERIVADAS DO BEISEBOL

Be a hit—agradar a alguém; ser sucesso
"A cerimônia de premiação foi um sucesso, atraindo uma multidão de pessoas."

Step up to the plate—agir; assumir, aceitar responsabilidade
"Mary precisa tomar uma atitude e decidir que proposta atenderá melhor aos interesses da empresa."

Strike out—fracassar
"John não conseguiu resposta positiva com relação a seu livro; recebeu hoje uma carta da editora rejeitando sua proposta."

Throw a curve—pregar uma peça, surpreender; mencionar o inesperado
"O chefe nos surpreendeu ao informar que cada funcionário teria de levar sua comida para o piquenique da empresa."

Off base—irrealista; inexato; errado
"Sua estimativa de custos estava muito longe da realidade, muito mais alta do que os preços atuais de mão-de-obra e material."

Out of left field—não pertinente; inesperado
"Suas propostas tolas para resolução do problema não eram pertinentes."

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DERIVADAS DO BASQUETE

Full court press—pressão intensa, empenho
"A comissão *empenhou-se intensamente* para angariar os fundos necessários."

Slam dunk—enorme sucesso; realizações importantes
"O evento foi um enorme sucesso para o artista, que vendeu todos os quadros em exposição."

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DERIVADAS DO BOXE

Pull one's punches—suavizar a crítica, falar com jeito
"Minha professora de inglês é rígida com relação à disciplina. Ela mantém a ordem na classe."

Throw in the towel—entregar os pontos, jogar a toalha; desistir
"Quando se descobriu que ele estava recebendo subornos, o senador percebeu que era hora de entregar os pontos."

Against the ropes—prestes a fracassar, a ser derrotado; a ponto de exaustão
"Após ter dois pedidos de empréstimo recusados, John estava a ponto de exaustão quando solicitou que um terceiro banco financiasse o carro cuja compra havia acertado."

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA DERIVADA DO BOLICHE

Bowl over—surpreender ou empolgar
"Quando ouvi a notícia de que tinha conseguido o novo emprego, fiquei bastante empolgado."

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DERIVADAS DO FUTEBOL AMERICANO

End run—evitar as autoridades e os procedimentos normais
"Ele passou por cima de seu chefe e conseguiu dinheiro para o projeto diretamente do presidente da empresa."

Huddle—reunir-se para consulta
"O conselho de administração reuniu-se para discutir um possível protesto de trabalhadores."

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DERIVADAS DO TURFE

Horse around—desperdiçar tempo; ser descuidado
"Durante a reunião o chefe gritou: 'Deixem de perder tempo e comecem a trabalhar.'"

Down to the wire—completar algo no último minuto
"A estudante esperou até o último minuto, entregando seu ensaio no exato momento em que a campainha tocou."

REFLEXÕES: ALGUMAS PALAVRAS DE CONSOLO PARA OS PERDEDORES

Joseph Epstein

O escritor, recorrendo a algumas das suas experiências de infância, reflete sobre o significado dos esportes na vida das pessoas e conclui que a lição que se tira é que a “agonia da derrota” se sobrepõe à “emoção da vitória”.

Quando uma vez alguém interpelou Don Ohlmeyer, o conhecido produtor de tevê norte-americano do “Wide World of Sports”, dizendo que tinha uma pergunta a fazer, Ohlmeyer, interrompeu-o, retrucando, “Se a pergunta for sobre esportes, a resposta é dinheiro”. E esporte, não somente nos Estados Unidos mas no mundo todo nas últimas décadas, parece que não significa nada mais além de salários fabulosos, enormes patrocínios lucrativos e contratos de tevê com números comumente vistos somente em manuais de astronomia.

Porém eu, particularmente, sempre achei que a verdadeira história dos esportes tem mais a ver com fracasso. Os esportes, em geral, são uma atividade em que até mesmo os grandes vencedores, os atletas legendários, acabam por falhar, nem que seja porque algum dia seus corpos finalmente cedem e não podem mais fazer o que faziam com aquela facilidade que os colocava acima dos outros mortais. O jogador de basquete Michael Jordan, que experimentou a maior glória entre os atletas de nosso tempo, agora que não pode mais praticar o esporte que ama, parece ser uma figura não digo trágica, porém no mínimo triste. No esporte, até mesmo os vencedores muitas vezes perdem, pois, assim como na vida, nos esportes não há assim tantos finais felizes.

Mas para o garoto norte-americano médio — ou garota — embora a prática do esporte fortaleça os músculos, inculque disciplina e, com sorte, melhore um pouco o caráter, no final há também uma sensação de tristeza *après combat* ao participar de esportes. Um jogador profissional de basquete que perca somente metade dos arremessos feitos da quadra é considerado magnífico. Um jogador de hóquei que acertar a rede duas vezes em trinta e cinco tentativas teve uma noite brilhante. Nenhum jogador de beisebol conseguiu acertar mais de quarenta e cinco por cento das rebatidas feitas em mais de cinquenta anos.

Tenho sobre minha mesa, diante de mim, fotos de alguns dos componentes da equipe de futebol de 1955 da escola de ensino médio de Kingstree, na Carolina do Sul, enviadas recentemente por um amigo que atuou naquele time. São fotos posadas, e os nomes dos jogadores, como costumamos dizer, quase valem o preço da entrada: aqui estão, em seus uniformes um pouco antiquados, os garotos McKenzie, Bull e Red, Roland Burgess, Needham Williamson, Jimmy Ward e (meu favorito) Buddy Gamble. Meu amigo me contou que um dos mais valerosos acabou trabalhando como cozinheiro de lanchonete, outro caiu no

alcooolismo, e outro ainda teve um filho tremendamente problemático. Será que quando mais tarde se tornaram adultos, na hora de dormir, relembavam todos aqueles jogos de futebol de seus tempos de escola, reviviam aqueles dias gloriosos, antes que suas vidas, pelo menos para muitos deles, tomassem um rumo tão decadente?

Com certeza, muitas pessoas construíram uma vida proveitosa com base em carreiras esportivas bem-sucedidas. Um exemplo notável é Bill Bradley, grande estrela do basquete da Universidade Princeton e mais tarde profissional no New York Knickerbockers, que depois se tornaria senador dos Estados Unidos e candidato à presidência dos EUA. Outros deixaram para trás as proezas esportivas para, sem grande alarde, construir carreiras notáveis no campo do direito, da medicina e dos negócios, tendo o esporte sem dúvida contribuído para a confiança relacionada com suas habilidades já testadas de atuar serenamente sob pressão.

Eu não fui criado em Kingstree, Carolina do Sul, mas na parte norte de Chicago, Illinois, durante uma época em que, se você não fosse um atleta bem bom, era melhor ser engraçado ou descobrir um outro modo de se mostrar charmoso ou útil. Nossas vidas eram organizadas em torno dos esportes, e para nós as estações não tinham nomes como primavera, verão, outono, inverno e sim, beisebol, futebol, basquete e (para alguns) tênis ou atletismo. Em nossa infância, vivíamos no quintal ou em volta de cestas penduradas em garagens das ruelas da vizinhança. Em casa, quando chegavam os jornais, líamos primeiro as páginas de esporte, estudando as médias de rebatidas do beisebol e as estatísticas das posições das equipes em vários esportes. A televisão havia acabado de se tornar parte da mobília dos lares norte-americanos e assim assistíamos a tantos jogos e eventos de modalidades diferentes de esportes quanto nossos pais permitiam.

Desde o início, os esportes continham a marca da exclusão e ensinavam a lição da limitação humana. Alguns garotos eram naturalmente melhor que outros; havia sempre a situação triste dos meninos que eram escolhidos por último em jogos improvisados nas quadras do bairro, que eram mandados para os confins da linha direita no beisebol ou escalados para o meio do campo no futebol americano. O esporte também dava a primeira mostra a uma criança de que o mundo era um lugar injusto, com talentos distribuídos desigualmente: alguns corriam mais rápido, arremessavam com mais força e mais longe, pulavam mais alto do que

outros — e era assim e pronto. Podia-se melhorar o desempenho em todos esses jogos por meio da prática inteligente, mas só até um certo ponto. As crianças naturalmente dotadas — e todo pátio escolar parecia ter um — só raramente podiam ser ultrapassadas por aqueles que construíam suas habilidades mediante trabalho árduo. O mundo evidentemente não era um lugar justo.

Bem-coordenado, rápido, com um forte sentido de mimetismo que me permitia pegar rapidamente os movimentos dos atletas mais antigos, meus dias de infância nos esportes foram os melhores. Mas a sorte me abandonou quando cheguei à escola de ensino médio com 4.000 alunos em Chicago, onde aprendi logo que não era grande o suficiente para competir no futebol ou suficientemente bom para jogar beisebol. Joguei basquete no primeiro e segundo anos e, no tênis, junto com um rapaz chamado Bob Swenson, eu acabei ganhando o campeonato de duplas da Chicago Public League, em que a competição era um pouco menos feroz (os melhores jogadores, preparados por técnicos de clubes, freqüentavam escolas de subúrbio).

Aprendi duas lições difíceis durante a adolescência sobre minhas limitações esportivas. A primeira era que não iria ter um porte atlético, mas ia ser como sou hoje, pequeno e esguio. A segunda era que me faltavam agressividade e destemor, qualidades naturais em atletas realmente bons. Como atleta, eu parecia um *kamikaze* sem desejo suficiente de morrer. Nunca agi com covardia, nunca fugi do perigo ou fiquei “travado”, como diziam os garotos, mas se pudesse evitar a dor em

campo, eu não hesitava nem um pouco em fazê-lo.



E assim vai... até o próximo jogo

A única qualidade que eu tinha como atleta era estilo. Desenvolvi um estilo elegante no tênis e arremessos suaves no basquete; nos dois esportes, eu fazia todos os lances. Mas o estilo também pode bloquear um atleta. Os atletas de primeiro time normalmente têm grande estilo e disposição para abandoná-lo quando a necessidade de ganhar vier a exigí-lo. Podem fazer isso porque são muito competitivos; querem ganhar. Enquanto nós, os que ficamos bloqueados pelo estilo, queremos, em última análise, simplesmente apresentar boa imagem.

Minha glória carreira esportiva, portanto, basicamente terminou aos meus 18 anos. Continuei a jogar tênis durante um certo tempo, embora cada vez mais sem emoção e prazer. Ao me mudar para o Sul, no Estado de Arkansas, joguei alguns anos em uma liga de basquete da ACM. Quando eu estava com uns 40 anos, passei a jogar squash, mas uma lesão no quadril me forçou a desistir. E assim, faz muito tempo que me retirei para uma confortável poltrona verde, da qual assisto a mais eventos esportivos do que é de se esperar para um homem que se considera culto.

Como aficionado de jogos esportivos — hesito em usar a palavra *fã* — notei que não somente minhas simpatias vão para os perdedores, como tenho a tendência de me identificar quase que inteiramente com eles. A derrota em jogos esportivos parece ter maior peso, é mais carregado de significado do que a vitória. A emoção da vitória, a agonia da derrota, esse é o clichê, mas minha intuição diz que para aqueles que já passaram pelas duas situações, a lembrança da

ROMANCISTA PAT CONROY
MY LOSING SEASON, 2002

“O fracasso, mais do que a vitória, prepara-o para o desgosto, os revezes e a tragédia que serão encontrados no mundo. Lambendo suas feridas você aprende a evitar ser ferido a próxima vez... A palavra ‘perdedor’ o persegue, vai em seu encalço, expulsa-o de qualquer esconderijo porque você não pode deixar de enfrentar o que vier e não pode virar as costas para a verdade. Meu time ganhou oito jogos e perdeu dezessete...portanto somos perdedores sob qualquer perspectiva.”

derrota no esporte é mais forte e mais penetrante.

Penso em um arremessador cujos dedos falseiam e lança uma bola fácil que o rebatedor atira violentamente fora dos limites do campo; em um jovem de, digamos, 19 anos que, em um momento crucial de um jogo de basquete da faculdade com transmissão televisiva nacional, perde dois arremessos, causando a eliminação de sua equipe de um torneio importante; em uma ginasta de 14 anos que escorrega e cai da trave nas Olimpíadas; em um tenista cuja concentração e, por conseqüência, a confiança o abandonam contra um oponente mais fraco; em um velocista, com recorde mundial à vista, que começa a mancar um pouco antes da reta final; em um jogador de golfe que dá uma tacada leve demais e perde o *putter* que o faria ganhar um prêmio de meio milhão de dólares.... Poderíamos acrescentar casos e mais casos a essa lista; o ponto, é claro, é que, em esportes, coisas pequenas porém inesperadas podem alterar um jogo, uma temporada, uma carreira, uma vida.

Treinadores e locutores inspirados gostam de mostrar os esportes como uma metáfora da vida. Assim como na vida, afirma-se que nos esportes o trabalho incansável é recompensado, os obstáculos existem para serem vencidos, a vontade pode ser às vezes mais importante que o talento. Daí basta apenas um pequeno pulo para a conclusão de que os esportes constroem o caráter e é o caráter que sempre vence na vida. O máximo que se pode dizer em resposta a isso é que seria bom se fosse verdade.

Porém, imaginamos se o fracasso nos esportes não está, em última análise, mais de acordo com a vida do que a vitória. Sem querer ser excessivamente pessimista, na vida, algumas pessoas às vezes se saem melhor que outras, mas no

final somos todos perdedores: acontecimentos inesperados nos dão rasteiras, sofremos revezes, poucos conseguem atravessar ou até mesmo aproximar-se intactos da linha de chegada, a taxa de mortalidade — que novidade — continua em imutáveis 100%, e depois do jogo a probabilidade é de que nenhum de nós irá à Disney World, como dizem os jogadores norte-americanos de beisebol e futebol após ganhar um campeonato. Três vivas para os vencedores então, mas guardem alguns vivas mais para todos nós que não vencemos e para quem os aplausos são mais necessários. ■



Joseph Epstein, conhecido ensaísta e autor de numerosas obras de ficção e não ficção, recentemente recebeu uma Medalha Nacional de Ciências Humanas das mãos do presidente George W. Bush em cerimônia na Casa Branca por seus esforços em aprofundar a conscientização pública em relação às ciências humanas. Epstein ensina inglês e redação na Universidade

Northwestern em Evanston, Illinois.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E DOCUMENTOS

Acosta, R. Vivian e Carpenter, Linda Jean. *Women in Intercollegiate Sport: A Longitudinal Study - Twenty-five Year Update, 1977-2002* [Mulheres no Esporte entre Faculdades: Estudo Longitudinal – Atualização de Vinte e Cinco Anos, 1977-2002]. West Brookfield, MA: Carpenter/Acosta, 2002.
http://www.womenssportsfoundation.org/binary-data/WSF_ARTICLE/pdf_file/906.pdf

Allred, Alexandra Powe. *Atta Girl! A Celebration of Women in Sport* [Vamos lá, Garota! Uma Exaltação às Mulheres no Esporte]. Terre Haute, IN: Wish Publishing, abril de 2003.

Angell, Roger. *Game Time: A Baseball Companion* [Hora do Jogo: um Companheiro de Beisebol]. San Diego: Harcourt, 2003.

Angell, Roger. *Once More Around the Park: A Baseball Reader* [Uma Vez Mais no Estádio: um Leitor de Beisebol]. Chicago: Ivan R. Dee, 2001.

Ashe, Arthur e Rampersad, Arnold. *Days of Grace: A Memoir* [Dias de Graça: uma Autobiografia]. Nova York: Alfred A. Knopf, 1993.

Asinof, Eliot. *Eight Men Out: The Black Sox and the 1919 World Series* [Oito Homens Fora: o Black Sox e a World Series de 1919]. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 2000.

Axthelm, Pete. *The City Game: Basketball from the Garden to the Playgrounds* [O Jogo da Cidade: Basquete do Jardim às Quadras do Bairro]. Lincoln: University of Nebraska Press, 1999.

Beran, Janice A. *From Six-on-Six to Full Court Press: A Century of Iowa Girls' Basketball* [Do Seis contra Seis à Marcação sob Pressão em Toda a Quadra: um Século de Basquete das Meninas de Iowa]. Ames, IA: Iowa State University Press, 1993.

Bissinger, W.G. (Buzz). *Friday Night Lights: A Town, a Team, and a Dream* [Luzes de Sexta-Feira à Noite: uma Cidade, um Time e um Sonho]. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2000.

Bissinger, W.G. (Buzz) e Stout, Glenn, orgs. *The Best American Sports Writing* [Os Melhores Textos sobre os

Esportes Norte-Americanos]. Boston: Houghton Mifflin, 2003.

Blais, Madeleine. *In These Girls, Hope Is a Muscle* [Para estas Garotas, a Esperança é a Grande Força]. Nova York: Atlantic Monthly Press, 1995.

Brown, Gerry e Morrison, Michael, orgs. *2004 ESPN Sports Almanac* [Almanaque de Esportes da ESPN 2004]. Nova York: Hyperion Books, 2003.

Conroy, Pat. *My Losing Season* [Minha Temporada de Derrotas]. Nova York: Nan A. Talese, 2002.

Corman, Richard. *I Am Proud: The Athletes of the Special Olympics* [Sinto-me Orgulhoso: os Atletas das Olimpíadas Especiais]. Nova York: Barnes and Noble, 2003.

Creamer, Robert W. *Baseball and Other Matters in 1941: A Celebration of the Best Baseball Season Ever — in the Year America Went to War* [Beisebol e Outros Temas em 1941: Exaltação à Melhor de Todas as Temporadas de Beisebol — no Ano em que os EUA Foram à Guerra]. Lincoln: University of Nebraska Press, 2000.

Dawidoff, Nicholas, org. *Baseball: A Literary Anthology* [Beisebol: uma Antologia Literária]. Nova York: Library of America, 2002.

Deford, Frank. *The Heart of a Champion: Celebrating the Spirit and Character of Great American Sports Heroes* [O Coração de um Campeão: Exaltando o Espírito e o Caráter de Grandes Heróis do Esporte Norte-Americano]. Minnetonka, MN: NorthWord, 2002.

Departamento de Educação dos EUA. Comissão do Secretário de Educação sobre Oportunidades em Atletismo. *Open to All: Title IX at Thirty; Final Report* [Aberto a Todos: Trinta anos de Título IX; Relatório Final]. Washington: fevereiro de 2003.
<http://www.ed.gov/about/bdscomm/list/athletics/title9report.doc> (Word)
<http://www.ed.gov/about/bdscomm/list/athletics/title9report.pdf> (PDF)

Departamento de Justiça dos EUA. Divisão de Direitos Civis. Seção de Direitos de Portadores de Deficiência. *A Guide to Disability Rights Laws* [Guia de Leis sobre os Direitos dos Portadores de Deficiência]. Washington: maio de 2002.
<http://www.usdoj.gov/crt/ada/cguide.htm> (HTML)
<http://www.usdoj.gov/crt/ada/cguide.pdf> (PDF)

DePauw, Karen P. e Gavron, Susan J. *Disability and Sport [Deficiência e Esporte]*. Champaign, IL: Human Kinetics, 1995.

Dunow, Henry. *The Way Home: Scenes from a Season, Lessons from a Lifetime [O Caminho de Casa: Cenas de uma Temporada, Lições de Toda uma Vida]*. Nova York: Broadway Books, 2001.

Enders, Eric. *100 Years of the World Series [Cem Anos da World Series]*. Nova York: Barnes and Noble, 2003.

Escritório do Censo dos EUA. *Disability Status: 2000 [Situação dos Portadores de Deficiência: 2000]*. Resumo do Censo de 2002. Washington: março de 2003.
<http://www.census.gov/prod/2003pubs/c2kbr-17.pdf> (PDF)

Exley, Frederick. *A Fan's Notes: A Fictional Memoir [Observações de um Torcedor: uma Autobiografia Fictícia]*. Nova York: Modern Library, 1997.

Fein, Paul. *Tennis Confidential: Today's Greatest Players, Matches and Controversies [Confidências sobre Tênis: os Grandes Jogadores, Partidas e Controvérsias da Atualidade]*. Dulles, VA: Brassey's, 2001.

Feinstein, John. *Open: Inside the Ropes at Bethpage Black [Aberto: dentro das Cordas do Bethpage Black]*. Boston: Little, Brown, 2003.

Ford, Richard. *The Sportswriter [O Cronista Esportivo]*. Nova York: Random House, 1995.

Fort, Rodney D. *Sports Economics [A Economia dos Esportes]*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2003.

Galemore, Gary L. *Title IX and Sex Discrimination in Education: An Overview [Título IX e Discriminação Sexual na Educação: uma Visão Geral]*. CRS - Relatório RS20710. Washington: Serviço de Pesquisa do Congresso dos EUA, 4 de março de 2003.

Giamatti, A. Bartlett. *A Great and Glorious Game: Baseball Writings of A. Bartlett Giamatti [Um Jogo Excelente e Glorioso: Escritos de A. Bartlett Giamatti sobre Beisebol]*. Chapel Hill, N.C: Algonquin Books, 1998.

Giamatti, A. Bartlett. *Take Time for Paradise: Americans and Their Games [Dedique Tempo ao Paraíso: os Norte-Americanos e Seus Jogos]*. Nova York: Summit Books, 1991.

Gogol, Sara. *Hard Fought Victories: Women Coaches Making a Difference [Vitórias Suadas: Treinadoras Que Fazem a Diferença]*. Terre Haute, IN: Wish Pub., 2002.

Gorn, Elliott J. e Goldstein, Warren. *A Brief History of American Sports [Breve História dos Esportes Norte-Americanos]*. Urbana: University of Illinois Press, 2004.

Gould, Steven Jay. *Triumph and Tragedy in Mudville: A Lifelong Passion for Baseball [Triunfo e Tragédia em Mudville: uma Vida Inteira de Paixão pelo Beisebol]*. Nova York: Norton, 2003.

Halberstam, David. *The Teammates: A Portrait of a Friendship [Os Colegas de Time: Retrato de uma Amizade]*. Nova York: Hyperion Books, 2003.

Halberstam, David e Stout, Glenn, orgs. *The Best American Sports Writing of the Century [Os Melhores Textos do Século sobre os Esportes Norte-Americanos]*. Boston: Houghton Mifflin, 1999.

Harris, Mark. *Bang the Drum Slowly* (livro em que se baseou o filme *A Última Batalha de um Jogador*). Lincoln: University of Nebraska Press, 1984.

Hillenbrand, Laura. *Seabiscuit: An American Legend [Seabiscuit – uma Lenda Americana]*. Nova York: Random House, 2003.

Kahn, Roger. *The Boys of Summer [Rapazes do Verão]*. Nova York: HarperPerennial, 1998.

Koplowitz, Zoe. *The Winning Spirit: Life Lessons Learned in Last Place [O Espírito Vencedor: Lições de Vida Aprendidas por Último]*. Nova York: Doubleday, 1997.

Kramer, Jerry e Schaap, Dick. *Instant Replay: The Green Bay Diary of Jerry Kramer [Repetição Imediata: o Diário de Jerry Kramer do Green Bay]*. Nova York: New American Library, 1986.

Lapchick, Richard E. *2003 Racial and Gender Report Card [Histórico de Desempenho por Raça e Gênero 2003]*. Orlando: Universidade da Flórida Central. Faculdade de Administração de Empresas. Programa DeVos de Gestão de Empresas Esportivas. Instituto para a Diversidade e a Ética nos Esportes, 2003.
http://www.bus.ucf.edu/sport/public/downloads/media/ides/release_report.pdf

Lardner, Ring W. *You Know Me Al: A Busher's Letters [Você me Conhece, Al: Cartas de um Jogador sem Expressão]*. Nova York: Macmillan International, 1991.

Maclean, Norman. *A River Runs Through It and Other Stories [Por ele Passa um Rio e Outras Histórias]*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

Malamud, Bernard. *The Natural [O Natural]*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2003.

McGuane, Thomas. *An Outside Chance: Classic and New Essays on Sport [Uma Hipótese Remota: Ensaíes Clássicos e Novos sobre Esportes]*. Boston: Houghton Mifflin, 1992.

McPhee, John. *Levels of the Game [Níveis do Jogo]*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1979.

McPhee, John. *A Sense of Where You Are: Bill Bradley at Princeton [Uma Noção de onde Você Está: Bill Bradley em Princeton]*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1999.

Messner, Michael A. *Taking the Field: Women, Men, and Sports [Entrando em Campo: Mulheres, Homens e Esportes]*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

Mullen, P.H., Jr. *Gold in the Water: The True Story of Ordinary Men and Their Extraordinary Dream of Olympic Glory [Ouro na Água: a Verdadeira História de Homens Comuns e Seus Sonhos Extraordinários de Glória Olímpica]*. Nova York: St. Martin's Press, 2003.

National Geographic Society, org. *Baseball as America: Seeing Ourselves through Our National Game [Beisebol e os Estados Unidos: Conhecendo-nos por Intermédio do Nosso Jogo Nacional]*. Washington: National Geographic Society, 2002.

Offenburger, Chuck. E. *Wayne Cooley and the Iowa Girl: A Celebration of the Nation's Best High School Girls Sports Program [E. Wayne Cooley e as Meninas de Iowa: Exaltação ao Melhor Programa de Esportes Femininos nas Escolas do Ensino Médio]*. Des Moines, IA: União Atlética Feminina das Escolas de Ensino Médio de Iowa, 2002.

Oglesby, Carole A., et al. *Encyclopedia of Women and Sport in America [Enciclopédia das Mulheres e o Esporte nos Estados Unidos]*. Phoenix: Oryx Press, 1998.

Peterson, Robert. *Only the Ball Was White: A History of Legendary Black Players and All-Black Professional Teams [Somente a Bola Era Branca: uma História de Jogadores Negros e Times Profissionais só de Negros Legendários]*. Nova York: Oxford University Press, 1992.

Plimpton, George. *Paper Lion [Leão de Papel]*. Guilford, CT: Globe Pequot Press, 2003.

Rader, Benjamin G. *American Sports: From the Age of Folk Games to the Age of Televised Sports [Esportes Norte-Americanos: da Era dos Jogos Folclóricos à Era dos Esportes Televisados]*. 5ª ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2004.

Rapoport, Ron, org. *A Kind of Grace: A Treasury of Sportswriting by Women [Uma Espécie de Graça: um Tesouro da Crônica Esportiva Feminina]*. Berkeley, CA: Zenobia Press, 1994.

Reilly, Rick. *Sports Illustrated: The Life of Reilly: The Best of Sports Illustrated's Rick Reilly [A Vida de Reilly: o Melhor de Rick Reilly do Sports Illustrated]*. Nova York: Time Warner, 2003.

Richmond, Peter. *Ballpark: Camden Yards and the Building of an American Dream [Estádio de Beisebol: Camden Yards e a Construção de um Sonho Americano]*. Nova York: Simon & Schuster, 1993.

Rinehart, Robert E. e Sydnor, Synthia. *To the Extreme: Alternative Sports, Inside and Out [Radicalizando: Esportes Alternativos, Dentro e Fora]*. Albany: Universidade Estadual de Nova York, 2003.

Ritter, Lawrence S. *The Glory of Their Times: The Story of the Early Days of Baseball Told by the Men Who Played It [A Glória de sua Época: a História do Início do Beisebol Contada por Seus Jogadores]*. Nova York: Harper, 1992.

Smith, Lissa. *Nike Is a Goddess: The History of Women in Sports [Nike É uma Deusa: a História das Mulheres nos Esportes]*. Nova York: Atlantic Monthly Press, 1998

Smith, Red. *The Red Smith Reader [O Leitor de Red Smith]*. Editado por Dave Anderson. Nova York: Knopf, 1993.

Telander, Rick. *Heaven Is a Playground [O Céu é uma Quadra de Bairro]*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004.

Tygiel, Jules. *Baseball's Great Experiment: Jackie Robinson and His Legacy [Grande Experiência de Beisebol: Jackie Robinson e Seu Legado]*. Nova York: Oxford University Press, 1997.

Updike, John. *Golf Dreams: Writings on Golf [Sonhos com Golfe: Escritos sobre Golfe]*. Nova York: Knopf, 1996.

Ward, Geoffrey C. e Burns, Ken. *Baseball: An Illustrated History [Beisebol: uma História Ilustrada]*. Nova York: Knopf, 1996.

Wideman, John Edgar. *Hoop Roots [Raízes do Basquete]*. Boston: Houghton Mifflin, 2001.

Will, George. *Men at Work: The Craft of Baseball [Homens Trabalhando: a Arte do Basquete]*. Nova York: Macmillan, 1990.

Wolff, Alexander. *Big Game, Small World: A Basketball Adventure [Grande Jogo, Mundo Pequeno: uma Aventura do Basquete]*. Nova York: Warner Books, 2002.
<http://www.biggamesmallworld.com>

Zimbalist, Andrew. *May the Best Team Win: Baseball Economics and Public Policy [Que Vença o Melhor Time: Economia do Basquete e Política Pública]*. Washington: Brookings Institution Press, 2003.

Zimmerman, Jean. *Raising Our Athletic Daughters: How Sports Can Build Self-Esteem and Save Girls' Lives [Criando nossas Filhas Esportistas: como os Esportes Podem Construir Auto-Estima e Salvar a Vida de Garotas]*. Nova York: Doubleday, 1999.

SITES NA INTERNET

A Rede de Esportes
<http://www.sportsnetwork.com/>

Almanaque Informações, por Favor – Almanaque de Esportes
<http://www.infoplease.com/sports.html>

Arquivo de Jogos Internacionais
<http://www.internationalgames.net/>

Associação Atlética Universitária Nacional (NCAA)
<http://www.ncaa.org/>

Associação de Basquete de Rua
<http://www.streetbasketballassociation.net/>

Associação Nacional de Basquete (NBA)
<http://www.nba.com/>

Associação Nacional de Basquete Feminino (WNBA)
<http://www.wnba.com/>

Associação Nacional de Esportes e Educação Física (NASPE)
<http://www.aahperd.org/naspe/>

Associação Nacional de Meninas e Mulheres nos Esportes (NAGWS)
<http://www.aahperd.org/nagws/template.cfm?template=main.html>

CBS Sportsline.com
<http://www.cbs.sportsline.com/>

Centro para o Estudo do Esporte na Sociedade. Universidade Northeastern
<http://www.sportinsociety.org/>

Ciência Esportiva
<http://www.exploratorium.edu/sports/index.html>
Responde a perguntas sobre ciência esportiva – site do Exploratorium em São Francisco, Califórnia.

Comitê Olímpico dos EUA
<http://www.olympic-usa.org/>

Conscientização sobre os Portadores de Deficiência nos EUA
<http://usinfo.state.gov/usa/able/>
Site genérico sobre deficiências do Escritório de Programas Internacionais de Informação do Departamento de Estado dos EUA

Departamento de Educação dos EUA. Comissão do Secretário sobre Oportunidades em Atletismo
<http://www.ed.gov/about/bdscomm/list/athletics/index.html?exp=0>

Disabled Sports USA
<http://www.dsusa.org/>

ESPN.com
<http://espn.go.com/>

Fundação do Desporto Feminino
<http://www.womenssportsfoundation.org/cgi-bin/iowa/index.html>

História dos Esportes de Hickok
<http://www.hickoksports.com/history.shtml>
Inclui principais eventos, prêmios e dados estatísticos, assim como links para biografias, livros, softwares, questões triviais, citações e regras de jogos.

Instituto do Esporte Internacional
<http://www.internationalport.com/index.html>

Jogos Paraolímpicos dos EUA
<http://www.usparalympics.org/>

Liga da NFL na Europa
<http://www.nfleurope.com/>

Liga Nacional de Futebol Americano (NFL)
<http://www.nfl.com/>

Liga Nacional de Hóquei (NHL)
<http://www.nhl.com/>

Liga Profissional de Beisebol (MLB)
<http://www.majorleaguebaseball.com/>

Liga Profissional de Futebol (MLS)
<http://www.mlssnet.com/>

Olimpíadas Especiais dos EUA
<http://www.specialolympics.org>

SIRC – Um Mundo de Informações sobre Esportes
<http://www.sportquest.com/resources/index.html>
Esta “enciclopédia” abrange todos os esportes e inclui questões e temas especiais, tais como mulheres, portadores de deficiência, dados estatísticos e associações.

Sports Illustrated/CNN
<http://sportsillustrated.cnn.com/>

Sports Illustrated: 50 anos, 50 Estados, 50 esportes dos Estados Unidos
<http://sportsillustrated.cnn.com/magazine/features/si50/>

União Atlética Feminina das Escolas de Ensino Médio de Iowa
<http://www.ighsau.org/>

USA Triathlons
<http://www.usatriathlons.com/>

Yahoo! Esportes
<http://sports.yahoo.com/>
Fonte de notícias, placares e dados estatísticos

CRÉDITOS DAS FOTOS

CAPA: PHOTODISC (7). III: PHOTODISC (6). IV: PHOTODISC (6). 2: GETTY IMAGES. 3: © BETTMANN/CORBIS (2); GETTY IMAGES. 4: (GETTY IMAGES). 6: © JEFFREY W. MYERS/CORBIS. 7: MARIO RUIZ/TIME LIFE PICTURES/GETTY IMAGES. 8: GETTY IMAGES. 9: AP/WIDE WORLD PHOTOS. 14: GETTY IMAGES. 16: DOMINIC CHAVEZ/THE BOSTON GLOBE. 18, 21: GETTY IMAGES. 22: CHUCK OFFENBURGER. 24: AL BARCHESKI/UNIÃO ATLÉTICA FEMININA DAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DE IOWA. 26: VINCENT LAFORET/THE NEW YORK TIMES. 28: JEAN-CHRISTIAN BOURCART. 29: JOE MEIER/DAILY SOUTHTOWN. 33: GETTY IMAGES. 36: THOMAS E. WITTE/GO. 38: PHOTODISC (4). 44: PHOTODISC (5). 47: © REUTERS NEWSMEDIA INC./CORBIS. 48: © MATTHEW GILSON. QUARTA CAPA: GETTY IMAGES. INSERÇÃO: TED MIKSINSKI; PHOTODISC (7).

QUARTA CAPA: Marion Jones, ganhadora da medalha de ouro nos 100 m feminino dos Jogos Olímpicos de 2000 na Austrália.

REVISTA ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA
ESCRITÓRIO DE PROGRAMAS INTERNACIONAIS DE INFORMAÇÃO

